

ACÁCIA

∞ PRESSÁGIOS DE INVERNO ∞

Tradução de Maria Correia

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

DAVID ANTHONY
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Mapa do MUNDO
CONHECIDO

PLATAFORMAS
DA LIGA



ATOL

AS MILHARES

AS ILHAS
DISTANTES

ENCOSTAS
CINZENTAS

THRAIN

PALISHDOCK

Luana

TERRAS DOS
LAGOS

CANDOVIA

Elos

Pelos

Calfa
Ven

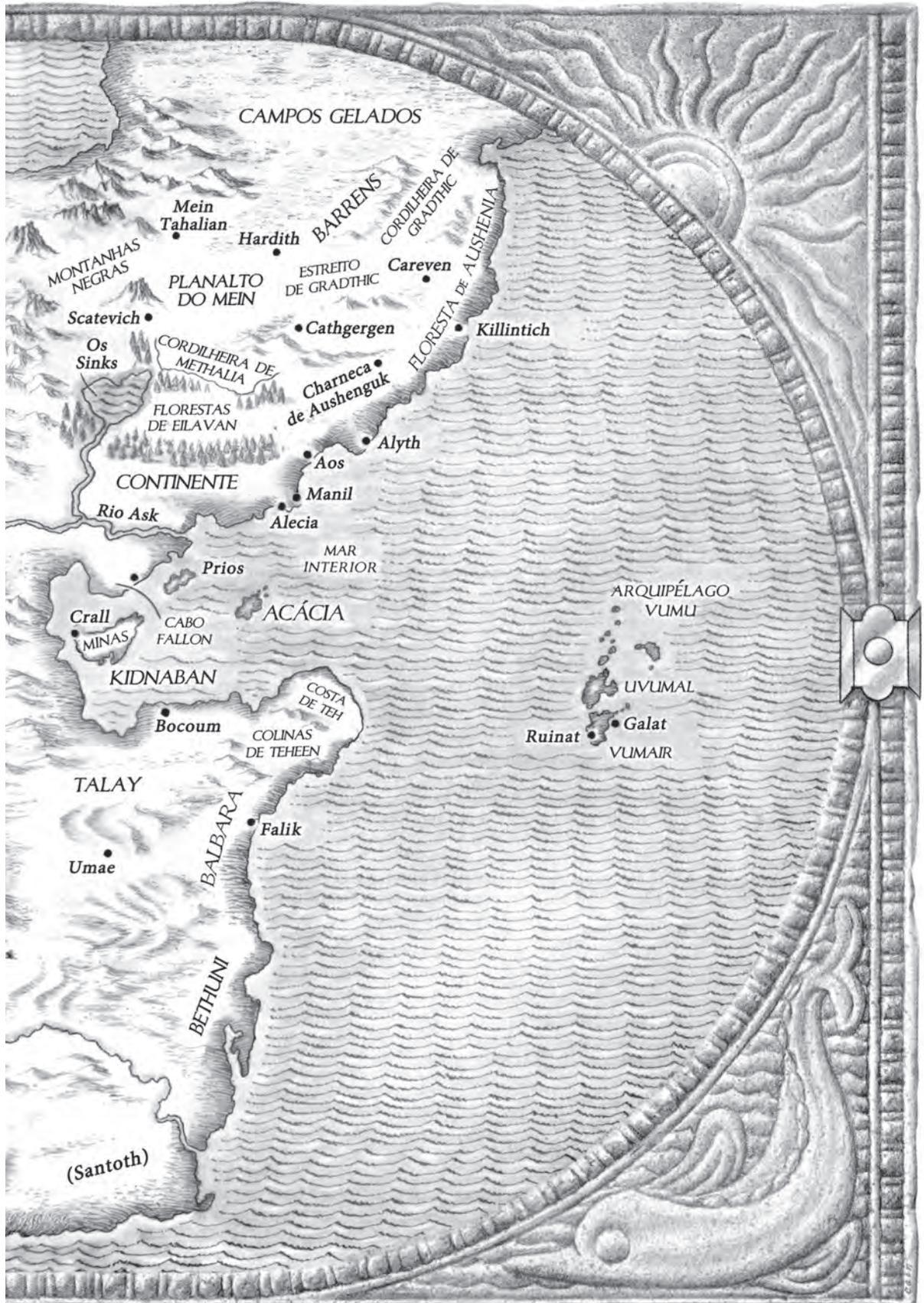
CIDADES COSTEIRAS

SENIVAL

HALALY

SUL
DISTANTE





Para Laughton e Patricia

AGRADECIMENTOS



Gostaria de agradecer, além de à minha esposa, Gudrun, a Laughton Johnson e a Gerry LeBlanc por terem lido o manuscrito deste livro, e a James Patrick Kelly, por lhe ter dado um sinal positivo também. Estou grato a Sloan Harris por ser um agente cinco estrelas e a Gerald Howard por ser um maravilhoso editor. Obrigado também a todos os que trabalham no programa de escrita criativa de Stonecoast MFA, especialmente à equipa de Ficção, pelo apoio que me deram na minha transição para o lado negro da escrita. Queria também agradecer a todos, nas editoras Doubleday e Anchor. Posso ter sido eu a escrever esta pequena história, mas foi necessária mais gente do que posso aqui nomear para produzir a obra que agora têm nas vossas mãos.



CONTINUAÇÃO
LIVRO DOIS

CAPÍTULO
QUARENTA E UM



À medida que o seu cavalo ia subindo os últimos metros até ao cume da cordilheira de Methalia, Haleeven Mein ia sentindo a proximidade da sua terra novamente. Soprava uma brisa ligeira que lhe acariciava o rosto marcado de cicatrizes, procurando sinais conhecidos. A terra tinha um cheiro húmido e fétido do verão do Mein naquela região pantanosa. Desmontou e curvou-se para o chão. Agarrou na turfa com os punhos e fez uma prece de agradecimento ao sobrinho. Hanish fizera-lhe uma grande dádiva, permitindo-lhe ver novamente a sua terra pela primeira vez em muitos anos. Melhor ainda, regressara para dar início ao transporte que permitiria por fim conceder aos antepassados a libertação que mereciam. Havia aspetos da sua missão sobre os quais tinha dúvidas, mas tentava não pensar muito nisso. Jurara que cumpriria os desejos dos antepassados.

A paisagem à sua frente estava tocada pelo orvalho primaveril. Algumas camadas de neve já tinham derretido e outras continuavam a fazê-lo sob o calor hesitante do sol oblíquo. Naquela área do planalto a terra fervilhava de turfa viva. Ensopada como uma esponja, ao ser pisada chiava. Haleeven, o grupo de soldados que o acompanhavam e a longa fila de recrutas caminhando penosamente atrás tinham de percorrer caminhos conhecidos, onde a terra se encontrasse mais dura. No ar ouvia-se o zunido de novos insetos, minúsculos, que pareciam não ter nada melhor para fazer do que

colarem-se à parte branca dos olhos das pessoas. Voavam em redor dos homens e enfiavam-se pela boca e pelas narinas. Também mordiam.

Haleeven olhou para os rostos cobertos de picadas sangrentas. Viu que bastantes homens tinham coberto a cara com pedaços de pano. Outros batiam no próprio rosto, manchando o rosto com o próprio sangue contido na barriga dos insetos. Haleeven tentava manter-se impenetrável ao desconforto. Deixava os vergões emergirem expostos na pele e olhava com desdém para quem mostrava menos disciplina. Nem sequer se importava em olhar para trás, para os trabalhadores estrangeiros, um grupo miserável. Sabia que o seu número provavelmente diminuiria à medida que prosseguissem, presas da febre transmitida através dos insetos.

Após ter viajado mais alguns dias para norte, viu as cristas das Montanhas Negras cortando o horizonte. Rajadas de vento desciam das alturas e fustigavam homens e cavalos, soprando nuvens de insetos para longe. Um pouco mais à frente prosseguiram pelas planícies do planalto central, região de tundra coberta de erva, terra de renas e lobos, raposas e ursos brancos e dos bois do ártico, que o povo do Mein domesticara havia muito tempo. Naquela altura, não se via praticamente nenhum destes animais na paisagem, mas Haleeven sabia estarem algures, escondidos, mesmo a seguir à linha do horizonte. Se ele tivesse vagar ou pudesse gozar de algum tempo livre, teria instigado a montada a correr e perder-se-ia na vastidão desértica que formara a sua raça.

Tahalian. Haleeven surpreendeu-se ao perceber que olhava para a fortaleza que era o seu lar, por fim, com os olhos de um estrangeiro. O lugar parecia uma criatura morta havia muito, como o cadáver de um animal putrefacto, caído anos antes numa armadilha feita de grossos ramos de pinheiro; era um lugar dilacerado, estéril e sujo. Meio coberta de neve, sem um laivo de verde, era um barracão enorme e cinzento, acastanhado, cavado em desafio a uma terra que nunca lhe sorrira: assim era Tahalian.

Haleeven entrou pelos portões e foi recebido com boas-vindas modestas mas gratificantes. Um primo em segundo grau de Hanish, um jovem chamado Hayvar, servia como governante da fortaleza. Era um jovem bonito, embora franzino, de olhos trémulos.

los, invulgares naquela raça que preferia manter um olhar sereno em todas as circunstâncias. Mal tinha acabado de abraçar Haleeven e já estava a fustigá-lo com perguntas. Como estava Hanish? Tinha já mesmo preparado a câmara para os antepassados em Acácia? Como era a ilha? Era mesmo a maravilha que diziam os soldados regressados? As mulheres tinham todas a pele azeitonada, com rostos ovais e olhos grandes?

— Estou contente — dizia —, pois irei finalmente ver com os meus próprios olhos. Voltarei contigo. Hanish já concordou. Recebi uma mensagem dele nesse sentido. Quer que estejamos todos lá presentes para vermos a maldição ser levantada.

O jovem parecia demasiado ansioso, pensou Haleeven, por deixar a terra natal, apesar de a razão ser digna de valor. Mas era jovem. Ele sentira-se privado de um papel no drama do mundo. Não tinham os soldados que embarcaram com Hanish ou que marcharam com Maeander estado ávidos por ver as terras para lá do planalto? Hayvar não era diferente. Se não fosse ainda menino quando a guerra começara teria saído dali anos atrás.

Haleeven respondia às perguntas, embora desse à voz um tom de desaprovação e mantivesse os olhos no chão quando forçado a descrever as maravilhas que vira fora da sua terra. Receava trair qualquer coisa — não sabia bem o quê — se encontrasse o olhar do jovem nesses momentos.

Seguiu Hayvar até às ameias da fortaleza. Contemplaram a fila de trabalhadores avançando com relutância. Sentir as ásperas agulhas dos pinheiros nas palmas das mãos, inspirar o ar perfumado de resina que deles se evolava, contemplar a paisagem de terras acobreadas a emergir da neve a desaparecer, um céu baixo sarapintado cobrindo tudo aquilo; ah, isto era o seu lar!

Deteve-se alguns momentos envolto em nostalgia. Como explicar que esta paisagem em nada ficava atrás das águas revoltas e azuis que circundavam Acácia? Não amava aquele lugar pelas suas virtudes suaves e prazeres. Nem acreditava já que o seu povo era o melhor da terra. Testemunhara demasiada bravura em outros e vira demasiada beleza nas coisas estrangeiras para se manter agarrado àquela visão estreita. Amava o Mein simplesmente porque... bem, porque este precisava de ser amado. Talvez fosse uma ideia

louca, mas era a melhor que conseguia ter para o explicar. Mesmo se tivesse palavras para se exprimir, duvidava que o jovem a seu lado as levasse a sério. Até os antepassados tinham em vista outras regiões...

— Irmão de Heberen — proferiu uma voz —, os antepassados previram a tua chegada.

Haleeven sabia quem acabara de lhe falar sem sequer virar o rosto. Devia ter-se aproximado em silêncio, nos seus chinelos de pele. Somente um sacerdote dos Tunishnevre o insultaria não o interpellando pelo nome e só um deles diria ter sabido da sua chegada através dos Tunishnevre quando toda a gente recebia notícias por meios mais terrenos, como despachos e mensageiros. Despertou dos seus agradáveis devaneios.

— Grão-sacerdote — proferiu, forçando um sorriso —, os antepassados não só previram a minha chegada como a ordenaram.

O sacerdote cerrou os lábios em duas linhas finas de pele crestada. Tinha o tom pálido fantasmagórico preferido dos homens da sua ordem. O cabelo cor de palha estava cortado tão rente que se via o couro cabeludo. Possuía umas feições tão gastas que mais pareciam os restos mortais preservados dos antepassados que servia. Disse:

— Sim, mas Hanish demorou algum tempo a enviar-te. Nove anos. Um atraso absurdo...

— Houve muitos assuntos a resolver.

— Um atraso absurdo — repetiu o sacerdote, prolongando a palavra *atraso* como se Haleeven não a tivesse compreendido bem. — Não pode haver desculpas para tal. Hanish virá a saber do meu desagrado, acredita-me. — Virou-se e com olhar frio contemplou a horda que se aproximava, lá fora. — Aqueles são os teus trabalhadores?

— São cinquenta mil — respondeu Haleeven —, mais cem menos cem.

— Trouxeste estrangeiros do Sul? — inquiriu o sacerdote semicerrando os olhos.

Haleeven esperava essa pergunta.

— Sim, mas só para transportarem bagagem e provisões. Para desbravarem caminho e realizarem as mil e uma tarefas que serão

necessárias. Não tratarão de nada relacionado com os antepassados nem tocarão nos objetos sagrados. — O grão-sacerdote sondou-o com o olhar, nada impressionado com as garantias que Haleeven lhe dava. Este acrescentou: — Supervisionarás tudo pessoalmente, espero, para que os estrangeiros nada profanem, nem insultem os antepassados. Mas é apropriado, não achas, que sejam acacianos a trabalharem que nem escravos em nome dos Tunishnevre?

O sacerdote não disse exatamente o que pensava sobre o assunto, mas não levantou mais objeções.

Nessa noite, Haleeven, sozinho num corredor à luz de tochas, aproximava-se da sala subterrânea que guardava os seus antepassados. Já se tinha encontrado com os restantes sacerdotes. Oferecera presentes a alguns dos nobres que se encontravam ainda em Tahalian e visitara Calathrock. Aí observara uma fraca exibição feita por um corpo de jovens soldados. A enorme sala continuava a ser um maravilhoso trabalho de construção em madeira, mas fora erigida para albergar muito mais seres, seres como homens louros e fortemente armados — não as crianças franzinas que só haviam sonhado com batalhas. Haleeven viu que as pessoas o recebiam bem e estavam ansiosas por o impressionar com a sua fé firme e resistência à moda antiga. Algo na sua intenção fervorosa o entristeceu, tal como o caminhar por corredores praticamente vazios, apanhado pelas recordações de tempos e pessoas que já tinham morrido ou que estavam longe de Tahalian. Não pensava muitas vezes com desaprovação em relação a Hanish. Contudo, no que respeitava à manutenção do seu lar, daquela fortaleza, o jovem líder talvez se tivesse tornado esquecido e descuidado.

Ao chegar à porta da câmara, Haleeven parou para se recompor um pouco. O coração palpitava-lhe de modo irregular. As pernas, rígidas, doíam-lhe, algo que não notara até àquele momento. Estava a envelhecer e muito cansado. Ao mesmo tempo, percorria-o um formigueiro nervoso, enérgico. Cavalgara centenas de quilómetros para ali chegar. Imaginara aquele momento mil vezes. Encostou-se à porta e sentiu-a mover-se. Entrou, ajoelhou-se à entrada, baixando a cabeça até às lajes frias. Manteve-se assim até o frio da pedra se transformar em calor. Só então se endireitou e olhou em volta.

Parcamente iluminada por um brilho sem origem óbvia, o cenário fê-lo arrepiar-se. Acima dele havia um cilindro repleto de protuberâncias, fila após fila, camada após camada, saindo da parede de terra, uniformemente dispostas, como uma enorme colmeia com centenas de salas. Erguia-se tão alto que se perdia de vista, talvez cerca de mais de uma centena de camadas. Porém, aquilo era apenas uma alcova. Havia muitas mais, umas atrás das outras. Cada uma das formas envoltas em sombra era um cadáver, uma concha seca que um dia fora um homem do Mein, envoltos em gaze e preservados tanto pelos esforços dos sacerdotes como pela maldição que aprisionava as almas dentro daquelas conchas na morte, sem se poderem libertar, agarradas fisicamente à vida, mas sem a pulsação e o calor dela. Não eram diferentes de Haleeven. Tinham sido homens como ele. Quer tivessem vivido há cinquenta como há quinhentos anos, haviam falado a sua língua e povoado aquele planalto. Todos tinham vivido pouco perante a ameaça de um castigo eterno. Tal como ele.

Haleeven avançou e começou a entoar as palavras escritas que Hanish lhe entregara. Eles já saberiam porque se encontrava ali, mas prosseguiu com a formalidade, anunciando-se. Pediu perdão por os perturbar e disse-lhes que cumpriria o juramento de os servir. Prometeu-lhes que no dia seguinte se encontraria com os engenheiros, os arquitetos, os condutores. Havia uma tarefa monumental que os aguardava. Não perderia tempo a dar início a ela. Estavam a pouco tempo da libertação e da vingança final.

Os Tunishnevre não o reconheceram abertamente, mas houve uma alteração no ar que a sua consciência altamente desperta não pôde deixar de notar. Pareciam murmúrios, gemidos vindos das profundezas da terra. Sentiu os sons mas não podia dizer que os ouvia. De cada vez que parava, à escuta, nada mais havia do que um silêncio vazio e total. Só quando formava as palavras na sua mente é que a câmara parecia ecoar com comentários a ele dirigidos, por indecifráveis que fossem. Enredados em maldade. Sentia-se ameaçado de extinção, por um desaparecimento total. Mas a nada disto conseguia ligar um som, um movimento real, nem que fosse uma pequena respiração no interior da câmara.

Era tão estranho o poder deles. Haleeven não sabia se o com-

preendia completamente. Nunca fora abençoado por esse conhecimento. Estavam mortos. Encontrava-se numa tumba maciça, com corpos aglomerados, camada a camada, tão frios e sem vida como a terra que os rodeava, incapazes de efetuarem qualquer alteração no mundo. Na verdade, eram um mistério para ele. Se as circunstâncias fossem diferentes, talvez tivesse comungado com os Tunishnevre. Estivera a um passo de ser líder na sua juventude, a uma dança. Mas fora um passo enorme, que não conseguira dar. Ninguém poderia dizer que Haleeven era covarde; contudo, nunca fora capaz de tirar a vida a alguém que amava. Por isso nunca alcançara o trono do seu rude povo.

Olhando as sombras acima dele, percebeu que os caprichos do seu caminho pela vida não tinham importância. Tinha orgulho em ter servido o irmão e estava orgulhoso por seguir agora o sobrinho na liderança. Acreditava ser o homem de confiança do jovem líder. Maeander tinha esse cargo oficialmente, mas Haleeven sentia a fricção não reconhecida entre ambos. Talvez nem o próprio Hanish o reconhecesse. Era pouco provável, dada a sua perspicácia, mas somos muitas vezes cegos em relação aos que nos são próximos. Importunava-o não ter falado sobre isto com Hanish antes de partir, mas haveria tempo depois de regressar. Maeander não faria mal ao irmão antes de os Tunishnevre serem libertados. E a princesa Akaran... bem, fosse o que fosse que Hanish sentia por ela, não o impediria de lhe cortar o pescoço. Passara toda a vida a tentar agradar aos antepassados. Haleeven tinha confiança em que não falharia agora.

Porém, não deveria estar a pensar em nada disto agora, naquela câmara. Murmurou palavras explicando que partiria temporariamente. Pôs-se em pé, voltou-se lentamente e dirigiu-se para a porta. Nada o impediu. Claro que não. Por mais poderosos que fossem, nada podiam fazer sem ele.



CAPÍTULO
QUARENTA E DOIS



Despiram-se completamente. Era uma postura estranha, cada um deles a apoiar-se ora numa perna ora noutra. O barco debaixo deles oscilava nas águas. Depois de tirarem toda a roupa ficaram uns momentos olhando um para o outro, à luz das estrelas, habituando-se à nudez. Assim nadariam melhor. A água secava mais rapidamente do corpo do que da roupa e isso seria importante quando chegassem ao seu destino. Depois começaram a prender as armas, frascos e tecidos à prova de água, assim como algumas provisões, em redor dos troncos nus. Demoraram depois algum tempo a prenderem correias aos pulsos e artelhos. Tinham cosido anzóis às tiras de cabedal de modo que sobressaíam como barbelas afiadas de alguns centímetros.

— Muito bem — disse Spratling, depois de ter prendido o arco ao ombro, uma espada curta à anca, uma adaga à perna —, vamos lá começar a festa. Cuidado para não bateres em nada nem em ninguém. E cuidado com a pílula, Wren. Precisaremos dela para medicar o gigante.

Pouco depois mergulhou no mar de ondas mornas. Depois, outros o seguiram: todos corsários veteranos, oito homens e duas mulheres habituados a enfrentar a morte. Uma das mulheres — Wren, que levava a «pílula» presa às costas, um objeto redondo quase do tamanho de um ovo de avestruz — partilhava a sua cama desde os meses de inverno. Mas não pensaria nisso durante a sua

missão. Se algum deles morresse, poderiam lamentar-se depois. Aquele momento e os que se lhe seguiriam imediatamente é que importavam. Enfrentava bem o perigo porque se focava apenas no presente. Quase que ansiava por movimento. Os momentos de tranquilidade faziam-no remoer no que Leeka Alain lhe contara. Aquele sua família... as responsabilidades... um futuro a chamá-lo que em nada se assemelhava à vida que tivera até ali... sentia cada vez mais que não poderia evitar essas coisas mas também não se sentia preparado para as enfrentar.

Naquela altura do ano as correntes fluíam do sul. A temperatura do ar, no entanto, era fria como era normal no início da primavera. Nadaram afastando-se da chalupa que os levara até ali. Em breve esta não passava de uma sombra atrás deles, um vulto no escuro que desaparecia rapidamente. A embarcação não tinha a lanterna acesa. Não a acenderia enquanto não estivessem de regresso. Então, os poucos homens da tripulação que tinham ficado na chalupa acenderiam uma luz para os orientar. Contudo, o destino dos nadadores era bem visível para todos eles, iluminado por filas infindáveis de luzes que brilhavam.

Quer de noite quer de dia era impressionante contemplar o navio de guerra da Liga. À medida que nadavam viam-no ao longe tão imóvel como um pedaço de terra ancorado. Era um colosso, duas vezes maior do que um batelão de carga, com vários pisos que pareciam os altos complexos habitacionais de Bocoum. Ao longo de cada lado havia centenas de cestos para os besteiros e seteiras para os arqueiros. O seu gigantismo fora concebido para impressionar pela sua escala marcial. Sem dúvida que o conseguia.

Até ali, os quatro vasos daquele género que os corsários tinham enfrentado tinham destruído as suas embarcações. Tinham as proas reforçadas por troncos maciços embutidos em metal, suficientemente grandes e robustos para despedaçarem uma embarcação normal. Os conveses eram tão altos que tornavam a abordagem impossível. O prego de Spratling para nada servia, não passava de um alfinete tentando picar uma baleia. Aqueles vasos de guerra não eram coisa para se arpoar e empurrar, como fora a técnica de Spratling. Eram fortalezas flutuantes que distribuía a morte por

detrás de um bastião inexpugnável. Eram de longe maiores que os seus navios-lobo, e demonstravam uma agressividade que a Liga nunca antes ostentara. Sem aviso, um deles havia ancorado junto à costa de Palishdock e regurgitara um exército inteiro. Haviam devastado o lugar, numa ânsia de vingança que apanhara os corsários de surpresa.

Os piratas tinham então fugido de Palishdock com as poucas coisas que conseguiram levar. Desde então viviam constantemente escondidos. Felizmente, nunca tinham toda a sua riqueza num só lugar e nunca guardavam tudo no seu posto principal. Dovian ensinara isso a Spratling quando este era ainda menino. Pedaco a pedaco, de ilha em ilha, Spratling tinha escondido moedas e tesouros no solo. Assim financiava empreendimentos como os desta noite. A guerra entre os corsários e a Liga começara a sério. Spratling pensava nela como uma vingança pessoal, especialmente à medida que Dovian se ia retirando da liderança. Passava a maior parte do tempo em conversas sussurradas com o velho soldado acaciano, ambos cheios de insinuações que Spratling fazia por ignorar.

Ao nadar na direção de um dos vasos de guerra, Spratling lembrou-se várias vezes de que aquele ataque tinha uma lógica mortal. Não se encontrava ali para destruir a montanha que se erguia das ondas à sua frente. Havia mais do que um modo de matar um coelho. Parecia simplesmente óbvio que o único rumo, realmente, era enfrentar esta força tão poderosa de surpresa.

O vaso de guerra estava ancorado em quatro pontos, quatro cordas tão grossas como troncos de pinheiros adultos, presas às profundezas do mar. Os corsários alcançaram uma delas perto da popa do barco. Cortavam a água com a boca aberta para respirar, subindo à tona com a ondulação, cuspidos jatos de água a cada respiração. Embora ansioso por agarrar a corda, Spratling sabia que tudo precisava de ser feito com muita precisão. A cada onda erguiam-se e afundavam-se nas águas, movendo-se de um lugar para outro. Era o terceiro a sentir a corda na barriga ao ser arrastado por uma onda. Agarrou-se com ambos os braços à corda, apertando-a também com os artelhos, e sentiu as bar-

belas a espetarem-se. Era necessário algum esforço para as ir retirando, mas, à medida que subia, primeiro um braço, depois uma perna sucessivamente, ia voltando a fincá-las. Assim se foi afastando das ondas enquanto trepava. Encontrou o ritmo certo nos movimentos, num lento e moroso trabalho de formigas trepando pela corda rumo ao banquete disposto na mesa lá em cima.

Uma hora mais tarde alcançaram o convés, pingando, ofegantes e exaustos, com os braços e pernas desfeitos e vermelhos do esforço. Spratling virou-se e ajudou os outros a saltarem pela amurada. Sussurrou-lhes uma vez mais para se manterem em silêncio e sorrateiros. Quando todos estavam a bordo, retiraram os anzóis dos pulsos e artelhos e atiraram-nos ao mar. Esfregaram as mãos no corpo para se secarem ao máximo. Corria uma brisa morna que acariciava o navio da proa à popa que os ajudou a secarem-se. Os que traziam os arcos pegaram neles, retirando-os dos sacos à prova de água. Isto levou alguns minutos, mas, por gestos, Spratling indicou-lhes que não era preciso terem pressa. Cada coisa a seu tempo, cada passo dado na altura própria.

Só lhes fez sinal quando era altura de se porem em ação. Deu um passo ligeiro e cauteloso em frente no convés escorregadio. Os outros seguiram-no. Não tinham avançado muito até terem de parar novamente, apertando-se no abrigo das sombras de uma cabina. Havia guardas colocados em cestos nos mastros, três conjuntos com dois em cada. Não se conseguiriam aproximar mais sem serem descobertos. Com ar grave, olhos postos nele, aguardaram um sinal. Ele sorriu, encolhendo os ombros e indicando com os olhos que já era um grande feito terem chegado até ali. Encontravam-se num vaso de guerra da Liga, sem conhecimento de ninguém, nus e ao relento da noite. Conseguir transmitir isto sem falar era um dos seus dons. Viu os sorrisos espalharem-se de rosto em rosto. Sabia assim que estavam prontos.

Avançaram de arcos apontados. Um dos guardas viu-os imediatamente, mas antes de poder gritar silvou uma vara com uma ponta de metal que se foi cravar na órbita de um olho e o perfurou até ao cérebro. A cabeça do homem oscilou com a força do embate e Spratling lembrar-se-ia disso mais tarde. Era

apenas o primeiro. No espaço de segundos, uma nuvem de setas assobiou em redor dele. Todas, exceto uma, atingiram os alvos no peito ou na cabeça. Uma calou um dos homens a meio de uma exclamação. A única seta que falhou perdeu-se na luz das estrelas sem sinal de onde teria caído.

O grupo, então, dividiu-se. Vários homens percorreram o convés para matar mais guardas ou alguém que ali se encontrasse. Spratling e os restantes contornaram a cabina principal e irromperam pela sala do piloto. O piloto e alguns homens da tripulação ocupavam-se a examinar um mapa. Primeiro olharam casualmente como se não se surpreendessem ao ver um grupo de intrusos nus empunhando adagas. Mas a sua disposição mudou imediatamente. Os corsários deram início a uma carnificina rápida e eficaz; ao fim e ao cabo, tinham experiência delas. Um homem chamado Clytus agarrou no piloto e atirou-o com a cara virada para o chão do convés com uma força que partiu os dentes ao homem, espalhando-os pelas tábuas lisas.

Em poucos momentos toda a tripulação morrera ou dava o último suspiro. Spratling ainda não tingira a sua espada, mas o seu alvo não se encontrava naquele gabinete. Ao fundo, havia uma porta fechada com a ombreira dourada e o desenho do emblemático golfinho da Liga. Apontou o calcanhar ao trinco e arrombou a porta. Lá dentro encontrava-se a pessoa que procurava.

O homem era alto e espigado, com braços que pareciam os de um homem esfaimado. Acabara de sair de uma cama baixa e procurava desajeitadamente recuperar a compostura. As costelas, à vista uns instantes antes de colocar o roupão, sobressaíam numa fina membrana de pele. Spratling também não tocou nele, deixando-o para o homem e a mulher que corriam atrás de si.

Na cabina principal, o homem da Liga foi colocado com os braços de cada lado contra uma parede, com as lâminas de duas facas encostadas à pele, uma de cada lado da cabeça, junto das pequenas orelhas. O cone alongado do seu crânio, coberto de cabelo ralo, parecia de uma nudez mais gritante do que a dos corsários. Apesar disso, mostrava desprezo pelos intrusos e pela chacina. Não havia um laivo de medo no rosto altivo. De facto,

parecia só ser capaz de sentir aborrecimento pelo que se desenrolava à sua frente.

Spratling colocou-se à frente do olhar desafiador do homem. Tinha de ser rápido embora sem parecer apressado.

— Como te chamas?

— E tu não sabes? — inquiriu o homem. — Eu sei o teu nome. A não ser que me engane, és aquele a quem chamam Spratling. Nunca me passaria pela cabeça que pudesse ser tão apropriado. Não passas de um peixinho. Seria melhor que tapasses o teu pequeno vermezinho. Sabes disso, não sabes?

— Como te chamas? — repetiu Spratling.

O homem da Liga apertou os lábios, como se pensasse na natureza da pergunta. Por fim, disse:

— Sou Sire Fen, vice-almirante das operações navais do Ishtat. — Sorriu, escarninho: — Sou aquilo a que vocês chamam um grande peixe.

Durante esta conversa Spratling ia observando pelo canto do olho Clytus e Wren. Enquanto ele falava com o homem da Liga eles interrogavam o piloto de dentes partidos, que fora amarrado e poupado à morte. Clytus esbofeteava-o com as costas da mão, ameaçando-o em sussurros para não perturbar Spratling. Não percebia se estavam ou não a fazer progressos.

Um dos guardas lá fora apareceu e fez sinal de que estavam todos reunidos de novo mas que o tempo escasseava.

— Não podes pensar que consegues tomar este navio — disse Sire Fen. — Na verdade, só tens uns minutinhos para sair daqui, jovem bandido. É o problema da gente da tua laia. Não pensa antes de agir. — Interrompeu-se, de cabeça inclinada para um lado, e depois perguntou verdadeiramente curioso: — O que esperas alcançar aqui? Trouxeste o quê, dez ladrões para tomarem um navio de guerra?

— Não queremos tomar o navio — retorquiu Spratling apesar de a sua atenção não estar agora apenas no homem. Fez um gesto com o queixo para a porta, sinal para dois dos seus homens se aproximarem, de arcos apontados. Ambos dispararam as setas.

— Não? — perguntou Sire Fen. — Então que tens em mente? Spratling olhou para Clytus, que parara de modo a atrair a

sua atenção. Estava junto de um caixote aberto, e pelo seu olhar e gestos Spratling percebeu que tinham encontrado o que queriam. Wren arrancou o cordão que trazia entre os seios. Pegou na pílula com uma mão e numa lâmpada de óleo com a outra.

— Há mais maneiras de atacar um inimigo do que as que são óbvias — retorquiu Spratling.

— Oh — retorquiu o homem da Liga, acenando ao entender. — Queres um prisioneiro? Um refém? Pedirás alguma recompensa por mim? É disso que se trata? Grande ideia, garanto-te, mas...

Olhando novamente para Sire Fen, Spratling interrompeu-o.

— Querem destruir-nos, não é?

O homem da Liga franziu o nariz como se estivesse a sentir um mau cheiro.

— Todos, um a um.

— Porquê? Seremos assim uma ameaça tão grande para a Liga?

— Vocês não constituem nenhuma ameaça. São como ratos na cidade. Defecam em toda a parte. Roubam. Espalham doenças. Sim, a Liga pretende acabar com todos vós.

Spratling abanou a cabeça, desapontado.

— É por isso que não percebes o meu objetivo esta noite. Querem matar muitos. Esta noite só me interessa matar um.

No rosto do homem estampou-se, a pouco e pouco, alguma desorientação. Primeiro, pelas palavras. Depois, olhando para baixo, quase corou de embaraço. Spratling espetara a faca no seu peito até ao punho. Depois retirou-a, virou-a ao contrário na mão e cortou-lhe a garganta tão fundo que a respiração de Fen saiu pelo corte, num gorgolejo de sangue. Os dois corsários que o agarravam afastaram-se e o homem da Liga tombou numa massa informe no chão.

— Mata o piloto — ordenou Spratling. — E vamos embora.

O piloto deu um grito.

— Não! Não! Não me matem! — Apontou um dedo retorcido ao peito de Spratling. — Posso dizer-te o que trazes ao pescoço! Por favor, senhor, posso dizer-te o que é isso!

O corsário mandou os seus homens parar com um braço.

— O quê?

O homem levou uns instantes a recuperar o fôlego. Apontou para o cordão em couro que Spratling trazia ao pescoço, para o objeto de ouro que tirara do brigue da Liga meses atrás.

— Ao teu pescoço. Esse pingente. Sabes o que isso é?

Spratling não olhou para baixo como parecia que o homem queria.

— Fala depressa.

— Poupas-me a vida?

— Não, se não falares depressa.

Para seu bem, o piloto falou habilidosamente. O que disse provou ser do maior interesse. A tal ponto que Spratling, surpreendido até consigo próprio, ordenou que o fizessem prisioneiro.

— Tu e eu precisamos de falar mais à vontade. — O homem começou a protestar, aos gritos, e Spratling respondeu: — Wren, acende isso e larga. — Dada a ordem, dirigiu-se para a porta. Um momento depois a cápsula foi largada dentro da rede intrincada de canos que o piloto usava para enviar mensagens às entranhas do navio, enquanto o seu fusão tilintava ao bater.

Agora o convés estava muito agitado. Havia soldados a irromper por todas as escotilhas do navio. Surgiam — de elmo e armadura e armados de escudos — avançando com firmeza pelo convés. Os arqueiros dos corsários lançaram as últimas setas e depois correram para a popa do vaso. Na amurada, Spratling gritou aos outros.

— Lembrem-se de apertar os músculos do rabo se não querem que as águas vos entrem por ele acima! — disse isto em tom casual, mas o olhar fixou-se em Wren.

— Tens a certeza de que consegues fazer isto?

Wren ultrapassou-o e subiu à amurada.

— Preocupa-te contigo — retorquiu. A seguir atirou-se ao mar. Ao desaparecer, o cabelo comprido levantava-se acima dela, cada fio erguido aos céus enquanto ela caía. Spratling desejou por tudo que ela sobrevivesse, pois algo naquela imagem lhe despertou o desejo carnal.

Certificou-se de que o piloto era atirado borda fora, e depois colocou uma perna de fora da amurada. Ao cair, perfurando ca-

mada de ar após camada, apercebeu-se das concussões no interior do navio e soube que a cápsula explodira lá dentro. Continha uma mistura pela qual tinham pago uma boa maquia, um explosivo líquido. A explosão nas entranhas do navio não o destruiria. Sabia disso. Mesmo que pegasse fogo a algum pez que usavam, pouca esperança havia de fazer afundar a coisa, mas deixá-los-ia com uma boa dor de barriga. Sorriu ao pensar nisso. Depois contraiu-se para o impacto.



CAPÍTULO
QUARENTA E TRÊS



❧ Naquela primeira noite Mena limitou-se a ouvir. Permittedo ao homem, que dizia chamar-se Melio e que afirmava conhecê-la e à sua família, que entrasse no pátio das instalações que habitava. Nunca fizera tal com nenhum homem. Era um ato proibido à sacerdotisa de Maeben, algo que um dia antes pareceria impossível. Mas na companhia daquele ocorreram coisas impensáveis. Sentaram-se juntos no chão de terra batida. Perturbados pela presença de um homem, os criados ocultaram-se nas sombras, prontos a atacar ao menor sinal. Mena apenas olhava para o rapaz e ele, encorajado pelo seu silêncio, deixou que as palavras fluíssem algo desconexas.

Falava acaciano e assim Mena tinha a certeza de que os criados não entenderiam uma palavra. O que a espantava era que ela compreendia. Sentou-se, redescobrando a riqueza da sua língua materna de uma assentada. De vez em quando interrompia-o por causa de uma palavra. Revolvia-a na sua mente, sentindo-lhe os contornos. Por vezes proferia-a, de lábios entreabertos como se estivesse a beber as palavras em vez de as respirar.

Ele fora soldado em Acácia, um jovem Marah que enfrentara o primeiro ataque em massa sobre o império desde há muitas, muitas gerações. O que vira na guerra era demasiado horrível para falar nisso a não ser em termos vagos. Perdera tudo o que um homem podia perder, exceto a vida. Vira a maior parte das pessoas

que amava mortas ou escravizadas ou vira-as a trair a nação por um novo senhor. Pensara na superioridade de Acácia como um dado adquirido e ainda o espantava que Hanish Mein tivesse desmantelado o poder militar da sua nação tão completamente.

Numa das pequenas escaramuças depois dos Campos de Alecia fora ferido. Enquanto retirava de forma miserável, fora infetado pela febre. Ao recuperar, o mundo em seu redor mudara completamente. Estava tão derrotado, dizia, que se o desejo de morrer bastasse para lhe causar a morte não estaria ali agora perante ela. Ter-se-ia até matado, mas um ato desses era impossível a um soldado treinado como ele. Juntou-se à resistência em Aushenia durante algum tempo, usando o trabalho para tentar ganhar uma morte honrada. Também nisso fracassara.

Por fim, fora salvo da vontade de suicídio pelo poder dos rumores que corriam. Numa noite de bebedeira, um mercenário Teh informara-o de que os jovens Akaran estavam a salvo. O homem não tinha fonte segura onde se apoiar para confirmar o que dizia, mas explicou o que sabia com lógica. Só Corinn fora capturada, sim? O facto de Hanish a pôr à vista de todos realçava a ausência dos outros irmãos. Teria feito o mesmo com os outros se os tivesse apanhado, não era? Por outro lado, poderia alguém provar que tinham sido mortos? Tinham aparecido os seus corpos? Tinha alguma coisa vindo a público que confirmasse o destino dos Akaran, fosse qual fosse o seu destino? As respostas eram óbvias, e com elas surgiam novas possibilidades. A mais simples — aquela a que Melio se agarrara — era que se a linhagem Akaran não fora extinta, então poderia voltar ao poder.

Decidiu viver o melhor que podia, aguardar que o tempo passasse, com esperança de que pudesse existir alguma verdade nas histórias que se contavam. Nos últimos três anos trabalhara para mercadores de mar. Percorriam a rota das correntes sazonais que circulavam pelo Mar Interior. Por três vezes se aventurara por destinos tão longínquos quanto o Arquipélago Vumu, com quem os mercadores comerciavam. Nunca ali permanecera muito tempo e jamais vira a sacerdotisa de Maeben. Que sorte tinha em a ter encontrado! Estava viva! Por isso não havia razão para não acreditar que Dariel o estivesse também. Certamente Aliver também sobre-

vivera e naquele momento estaria a planear reconquistar o trono. Os rumores tinham-se revelado verdadeiros e Melio sentia-se grato ao Doador por não ter morrido antes de o saber.

Pela madrugada, Mena mandou-o embora, nada prometendo, nada admitindo, não demonstrando sinais do efeito que ele lhe causara. Estendeu-se na esteira enquanto o dia ia despontando, quente e brilhante como sempre. Tinha a mente surpreendentemente vazia. Sabia que deveria estar cheia de medos e dúvidas, de recordações e perguntas. Porém, simplesmente não conseguia demorar-se em nenhum pensamento o bastante para lhe aferir a importância. Ficou assim até adormecer e depois foi acordada por uma criada que a avisou que já era tarde. Levantou-se e cumpriu os seus deveres de sacerdotisa.

Regressou já era quase noite e viu que o acaciano esperava novamente por ela no caminho. Mais uma vez deixou-o entrar em casa e sentou-se para o ouvir. Horas mais tarde, ao mandá-lo embora, ainda nada lhe prometera. Nada admitiu, não deu sinais sobre o que pensava do que ele lhe contava. Dormiu até tarde de manhã, acordou com o calor do meio-dia e olhou para o teto, escutando os lagartos a deslizar pelo telhado à caça de insetos. Melio tinha um rosto vulgar, decidiu. Vulgar e, no entanto, por algum motivo desejava muito vê-lo outra vez.

Na tarde seguinte ele aguardava-a, sentado, ao portão da casa. Ergueu-se ao vê-la aproximar-se e chamou-a «Princesa», entrando em casa quando ela lhe fez sinal para a seguir. Quando estavam sentados em frente um do outro, como nas noites anteriores, o jovem retomou o seu discurso. Era espantoso que após duas noites a falar ainda encontrasse coisas para dizer. Ouvira dizer que havia agentes do príncipe por aquelas terras, disse, trabalhando oculta-mente para reunir a resistência de diversos setores. Houvera até uma revolta nas minas de Kidnaban, liderada por um profeta que jurava ter sonhado com o regresso do príncipe. Dizia que em breve Aliver iria juntar os irmãos para unir os seus exércitos. Havia muita gente ansiosa por acreditar nele.

Mena escutou-o, absorvendo tudo o que lhe dizia. Também se demorou a confirmar que o rapaz tinha um rosto de facto bastante vulgar, observando cada traço dele para ter a certeza. Tinha

o cabelo comprido e pouco cuidado, que lhe caía frequentemente para os olhos e que ele logo afastava, olhos castanhos sem nada de especial, dentes demasiado proeminentes quando sorria, um rosto algo angélico de certos ângulos, mediano sob todas as perspetivas. Não era feio, mas não possuía qualquer traço especial de nobreza, força ou indiciadora de grande sabedoria. Estava confirmado então. Parecia-lhe estranho que se tivesse sequer preocupado com o seu aspeto.

Com esta dúvida arrumada, Mena interrompeu-o.

— Dizes que um profeta das minas sonhou com Aliver? Diz-me, esse profeta descreveu-lhe as feições? Sabia como era o meu irmão, como falava? Conhecia o seu carácter? O meu irmão nunca esteve perto das minas; como é possível que alguém das minas saiba tanto sobre ele?

Era difícil dizer se a expressão surpreendida de Melio era em reação ao que ela dizia ou ao facto de Mena ter articulado tantas frases seguidas. Olhou-a mais fixamente do que fazia ao falar, em que o seu olhar tinha tendência a saltar de um objeto para outro.

— Não vos sei dizer de onde vêm os dons de um profeta — respondeu —, mas acredito neles. E acredito que o vosso irmão tem forças que ainda vai descobrir. Pensei sempre isso dele, mesmo quando éramos rapazes. Para o povo em geral, ele é um símbolo. Pouca gente no Mundo Conhecido viu o vosso irmão, mas todos lhe sabem o nome. Imaginam-no como desejam que seja. Ele representa a esperança em tempos em que as pessoas precisam desesperadamente dela. Talvez seja disso que a resistência mais precisa. Encontramo-nos em segredo, espalhando mensagens de boca em boca, procurando-nos uns aos outros através de referências pessoais. Uma vez estive com um grupo numa casa em Aos. Havia cerca de quinze pessoas, mas assim que as portas se fecharam e nos sentimos em segurança na companhia uns dos outros, abrimo-nos e falámos como velhos amigos. Falámos sobre as dificuldades por que passámos e dos entes queridos que perdemos, e, no centro de tudo isto, havia a esperança encarnada nos jovens Akaran. Não me surpreende que aqui nada sabeis disto. Há pouca gente da resistência a viver tão longe como Vumu. Contudo, felizmente, estou aqui, e aqui estais vós também.

Sem consciência disso, Mena passou a mão pelos cabelos, separando-o atrás e puxando as madeixas sobre os ombros. Assim escondia os seios. Nunca antes se sentira embaraçada pela sua seminudez. Com Melio, no entanto, sentia-se cada vez mais consciente do seu corpo. Disse então:

— Dizes que nós — os Akaran — estamos prontos a surgir novamente, liderando um exército que tomará o império de Harnish Mein. De que falas tu? Olha para mim. Sou uma Akaran. Ambos sabemos isso. Então, onde está o meu exército? Olha em volta. Achas que pareço estar prestes a desencadear uma guerra?

— Pensei nisso — retorquiu Melio, esforçando-se por a fitar nos olhos. — Não consigo explicar. Talvez no vosso caso haja alguma coisa que tenha corrido mal

O seu guarda morto certamente fora algo que correria mal. Porém, Mena nada admitiu. Disse-lhe então que teria de se ir embora. Podia, contudo, voltar de manhã. Podiam por uma vez falar também à luz do dia. Mena não planeava dizer isto. As palavras saíram-lhe naturalmente. Mais tarde interrogou-se porquê. Depois compreendeu, e achou estranho agir de determinada maneira e só mais tarde perceber o que a levava a isso.

Na manhã seguinte lá estava Melio ao portão. Ela fez-lhe sinal para entrar. Enquanto se dirigia a ela, piscando os olhos devido à luz do sol até entrar na sombra, ela disse:

— Nunca apanhei a febre.

— Toda a gente apanhou a febre — respondeu Melio. — Afeitou o mundo inteiro.

— Sim, também afetou o arquipélago. Mas não a apanhei — afirmou isto como facto consumado num tom que não admitia discordância. Depois mudou de tom: — Na cultura vumu as mulheres estão proibidas de usar armas. Não era assim em Acácia, pois não?

Melio, relutante em pôr de lado a declaração anterior de Mena, esperou uns instantes antes de se decidir a responder.

— No nosso país qualquer rapariga que o quisesse poderia receber treino. Desde que alcançassem os padrões dos homens, não estavam impedidas do serviço militar.

— Havia muitas a atingir esses padrões?

— A maior parte que o tentava conseguia. A Sétima Forma é

a de Gerta. Foi ela que combateu contra os irmãos gêmeos, Talack e Tullus, e os seus três cães lobos. Precisou de executar duzentos e dezasseis movimentos para os vencer, mas conseguiu-o. Cortou a cabeça a ambos os irmãos e a cada um dos lobos um membro ou dois. Por isso, por vezes as mulheres não se limitam a atingir os padrões dos homens, estabelecem-nos.

Mena fitou um ponto afastado, perdida em pensamentos. Sabia porque pedira a Melio que viesse e o que lhe iria pedir. Voltara a conseguir controlar o momento. Mesmo assim, os seus desejos surpreendiam-na, confundindo-a. Nada tinham a ver com o papel a que estava habituada. Era sacerdotisa de Maeben. Fora assim muitos anos e estivera contente com isso. Apesar disso, abriu a boca e aproximou-se do jovem:

— Tu conheces todas as Formas?

— Só aprendi bem as cinco primeiras.

— E as outras?

— Conheço-as — respondeu Melio —, aprendi as últimas Formas a correr, mais a partir de textos do que da prática. O mundo já estava em guerra então...

— Melio, quero que me ensines a usar uma espada. — Pronto. Dissera-o, sabia que aquilo era uma traição, uma rutura com tudo aquilo em que se tornara, mas tinha de admitir que se sentia mais calma do que imaginara. Queria realmente aprender. Havia muito que o queria. Houvera muitas alturas em que se perdera em pensamentos violentos enquanto Vaminee lhe dava lições ou que sonhara dançar com a sua espada Marah à noite, acordando depois a pensar se haveria algo de errado com ela.

— Estais a falar a sério?

A pergunta aumentou a certeza dela.

— Claro que estou.

— Princesa, eu não sou instrutor. E já não possuo armas. Não vos posso ensinar sem...

Mena interrompeu-o abruptamente pondo-se de pé:

— Aquilo que te falta a deusa te providenciará. Vem.

Pouco tempo depois, numa sala de armazenagem nas traseiras do complexo, com a luz coada pelo telhado e paredes de colmo, a poeira grossa no ar entre eles, Mena esticou os braços. Nas

mãos tinha a espada embainhada com que saíra das águas na costa de Vumu, nove anos atrás. Estava enferrujada em alguns entalhes. Não brilhava como deveria reluzir, mas o trabalho artístico era ainda de grande beleza.

— É a única coisa que trouxe de Acácia — disse ela. — Não me abandonou. Os sacerdotes nunca se atreveram a tirar-ma. Deve-lhes ter parecido uma espécie de amuleto. Desde que concordasse em a esconder, deixaram-me ficar com ela e nunca mais falaram sobre o assunto. Conheces esta espada? Ou outras assim, quero dizer.

Os olhos de Melio indicaram que sim antes de assentir com a cabeça.

— É uma espada Marah. É muito parecida com a que tive um dia.

Mena agarrou o punho e desembainhou-a. O som que fez ao deslizar foi absurdamente alto no sossego do lugar, uma chiadeira que se tornou um silvo quando a espada apareceu desembainhada à luz.

Melio afastou-se, dizendo:

— Pensei que o vosso destino era o de sereis Maeben.

— Porque te afastas de mim? Vieste para cá e encontraste-me, lembras-te?

— Claro, mas...

— Talvez não me tenhas encontrado como esperavas e isto agora te surpreenda. Mas e então? Já foste surpreendido antes pela vida.

Ele não tinha resposta pronta para aquilo.

— Os sacerdotes irão...

— Eles nada têm que ver com isto.

A expressão enrugada de Melio dizia que havia falhas óbvias naquela afirmação. Antes de ele as conseguir exprimir, Mena continuou:

— Eu ocupar-me-ei dos sacerdotes. Não precisas de te preocupar com eles. Tens mais desculpas?

Melio parecia indeciso, incapaz de recusar e sem saber como aceitar. Olhou para trás, pela porta por onde haviam entrado, para ver se podia voltar para o terreno mais sólido em que estivera mo-

mentos antes. Mena, agora impaciente, perguntou-lhe qual era a Primeira Forma. A de Edifus em Carni, respondeu o rapaz. Era uma forma para a espada? Sim, claro que era, disse ele. A maior parte das Formas era para espada.

— Mostra-me — disse Mena, atirando-lha sem aviso. Ele apanhou-a com alguma agilidade. A seguir ela estava já no meio da sala, de espada na mão. Deu um pontapé em alguns cestos para abrir espaço. Não era que nunca ali tivesse estado e nunca tivesse empunhado a espada. Fizera-o muitas vezes ao longo daqueles anos. Fora pouco mais do que um teste à sua força enquanto ia crescendo, pelo menos assim pensara. Agora parecia que parte dela sentira necessidade de tocar a espada para se lembrar de que não esquecera completamente o passado. Sabia assim de que modo ela se ia adaptando à sua mão. Escolhia pegar nela de modo estranho, contudo, com um dedo sobre a guarda e o pulso virado para cima como se a arma fosse demasiado pesada para ela. Com a ponta desenhava uma cicatriz no chão poeirento.

Para um espadachim não era um quadro agradável. Melio não conseguiu evitar corrigir-lhe o modo como agarrava na arma, como ela sabia que ele faria. Era um começo, claro. Ele ensinou-a a como colocar os pés, demonstrando-lhe a postura adequada. Explicou-lhe o nome das várias partes da espada e a função que tinham. Em poucos minutos perdera já grande parte da sua relutância.

Explicou-lhe que Edifus combatera com o campeão de Gaqua, uma tribo que dominava o estreito de Gradthic, a rota que atravessava as montanhas entre Aushenia e o planalto do Mein. Como aquele duelo fora combinado perdera-se na história, mas a batalha era relatada com todos os pormenores. Melio nunca ensinara os movimentos a alguém completamente alheio a eles, mas após algumas tentativas lá conseguiu tomar o papel de Gaqua. Pegava na bainha como pegaria numa espada e ia executando todos os movimentos a um quarto da velocidade. Mena era rápida a antecipar-lhe os movimentos e demonstrava-o bem.

Apesar do que pensara, Melio entusiasmou-se. Esqueceu a relutância que tivera, a estatura delicada da sua aluna e o espaço sombrio e estranho que ocupavam. As palavras saíam-lhe natural-

mente e o seu espírito acolhia-as bem, cantarolando com o regresso de capacidades há muito deixadas de parte. Sempre que parava ou parecia hesitar, Mena fitava-o fixamente até ele continuar. Se estava embaraçado por ela ter o tronco nu, escondia-o bem. No final da manhã Mena praticara já a sequência inteira e sabia de cor os primeiros passes.

Por fim, pararam por mútuo e silencioso acordo, ambos cobertos de suor. Ficaram algum tempo imóveis, recuperando o fôlego. Melio limpou a transpiração da testa com a palma da mão embora o suor voltasse num instante. Agora, parados, tinha uma expressão confusa. Olhou para a bainha da espada que agarrava ainda, movimentando-a de um lado e do outro, como se não tivesse a certeza de como fora ali parar.

— Quanto tempo falta ainda até o meu irmão nos chamar? — perguntou Mena.

— Pensei que não acreditáveis que isso iria acontecer.

— Não acredito, mas quando será o apelo em que tu acreditas?

— Se acontecer, como me disseram, ele começará à vossa procura esta primavera. E no verão reunirá os exércitos. Há muita gente a falar nisso. Quando ele fizer o apelo, sabê-lo-ei através de pessoas que conheço que são mercadores viajantes.

— Então — disse Mena — alguns meses. Não é muito tempo. Até que ponto conseguirei ser uma boa espadachim em poucos meses?

Melio olhou-a perplexo. Não tentou sequer responder à pergunta. Mas disse:

— Temos de olear essa lâmina. A ferrugem é um crime. Contudo, claro, deveríamos usar espadas de treino. Deve haver madeira boa nas colinas...



CAPÍTULO
QUARENTA E QUATRO



✎ Maeander sabia desde criança que possuía dons diferentes dos do irmão. Hanish tinha uma mente arguta, uma memória enciclopédica, a capacidade de lidar tanto com os grandes planos como com os pequenos pormenores ao mesmo tempo, a capacidade de inspirar a adoração das massas, a perspicácia para manipular os mitos a seu favor; tudo isso era bastante bom, mas era Maeander que tinha a raiva guerreira tangível do seu povo a pulsar nele. Os seus modos frios, o sorriso, os olhos calmos, tudo disfarçava a violência que lhe fervia no sangue constantemente.

Nunca estava à frente de um homem sem ponderar como o poderia mataria em segundos, com ou sem armas. Enquanto os outros sorriam, falavam e comentavam o seu aspeto ou o tempo, Maeander imaginava que força seria necessária para rasgar o pescoço da pessoa com os seus dedos e agarrar e arrancar a artéria que lhe levava o sangue à cabeça. Imaginava sempre estas coisas e nunca se cansava de ver o pouco à-vontade que o seu olhar infundia nos outros.

Maeander sabia que era ele, e não o irmão, que encarnava mais completamente a ira dos Tunishnevre. Os antepassados também lhe haviam dito isto. E avisaram-no de que as coisas se estavam a virar a seu favor; bastava-lhe esperar, manter-se fiel ao objetivo e estar pronto. Era também para isso que preparara Larken durante todos aqueles anos. O acaciano era um matador tão hábil

como qualquer homem do Mein e seria um perfeito aliado quando chegasse a altura.

Ao enviar Maeander à procura dos Akaran, Hanish dera-lhe uma missão menor do que a incumbida a Haleeven. Mas, no fundo, Maeander acreditava que ela seria da maior importância. Os Tunishnevre precisavam do sangue Akaran. Nada lhes serviria melhor do que o sangue que correria das veias dos filhos de Leodan, descendentes diretos de Tinhadin. Corinn talvez bastasse em último recurso, mas, se os outros viviam, os Tunishnevre queriam e precisariam do sangue deles também. E pensar como a mão que distribuísse tal néctar seria recompensada! Os antepassados, libertos da maldição, distribuiriam favores a quem havia tornado tal possível. Porque não haveria de ser o primeiro entre eles? Porque não haveria a ira deles de viver nele, numa presença tangível e física que pudesse remodelar a forma do mundo mais completamente do que Hanish imaginara?

Maeander embarcara naquela caçada com o mesmo vigor que demonstrara nas campanhas militares. Reuniu os homens em que mais confiava, assassinos veteranos e a fina flor dos mais jovens, os mais habituados a resistir à fadiga e ao sofrimento alheio. Liderou-os, raivosos e agressivos à procura de um rasto com nove anos. Navegaram no rio Ask; desembarcaram abaixo dos Sinks; cortaram caminho para este, percorrendo as florestas de folhagem espessa que confinavam a Cordilheira de Methalian. Não tinham pistas que os levassem ali em especial, mas a maior parte da região era habitada por gente que permanecia fiel ao rei Akaran morto. Maeander procurou entre eles, fazendo perguntas, castigando, deixando aldeias em chamas e jovens, cuja arrogância o irritou, pregados às árvores de pés e mãos com setas. Alguns acabaram por dizer disparates levados pelo medo, mas ele sabia ver o que as coisas valiam e fazia-os pagar pelo tempo perdido de um modo que a gente daquelas florestas não esqueceria.

Quando contornava a barreira de montanhas que separava Aushenia do Planalto do Mein, não sabia mais pelos seus esforços. Contudo, começara a gostar do trabalho. Já há muito que acreditava que o terror e dor infligidos à vítima eram diretamente proporcionais ao prazer recebido por aquele que os infligia. Se era assim,

causara muito terror e dor. Sabia que não era isto que Hanish lhe pedira, mas esta missão era sua e desempenhá-la-ia como achasse melhor.

Aushenia era uma vastidão ondulante de campos e florestas, cidades e vilas, na qual iria testar esta equação. Oficialmente a província continuava na posse dos numrek, mas haviam sido tantos os estrangeiros que tinham deixado o lugar, preferindo a costa tayana, que o território subsistia numa semiautonomia. Maeander pensava que os numrek davam mais trabalho do que aquilo que mereciam. Não havia nada mais difícil de ter em conta do que o carácter «dos amigos». Era estranho que territórios derrotados há apenas alguns anos se recusassem a adaptar à nova ordem das coisas. A obstinação de Aushenia crescia como erva daninha em todas as fendas e brechas da região. Mais importante ainda, houvera sempre boatos de que as florestas do norte escondiam bandos de exilados acacianos, gente tornada nómada, que vagabundeava de terra em terra, recusando-se a admitir a realidade. Os seus homens entraram por Aushenia como lobos esfaimados por um rebanho de ovelhas, procurando sinais do ouro acaciano entre aqueles velos de lã.

Contudo, nem todos os aspetos da sua estratégia começavam e acabavam na brutalidade. Também ia distribuindo recompensas por quem se comportava bem, para os tentar, para forjar lealdades e laços, para provar a si próprio e àqueles que existia um preço para tudo. Nada era mais barato de comprar do que a honra. Simplesmente, passou a palavra de que pagaria bem por qualquer informação útil.

— Quem me trouxer um Akaran será rico para lá da imaginação — disse —, e obterá a lealdade imorredoura do Mein. Receberá mil moedas de ouro, uma ilha ou uma cidade ou um palácio, cem cortesãos do género que lhe aprouver. Pensem nisto. Meçam bem o que isto significa e ajam sensatamente.

A mensagem tinha sido devidamente passada e durante quinze dias Maeander seguiu as pistas mais credíveis. Enviou homens como azougues por todas as terras, em mil direções diferentes, para avaliar os líderes de vilas suspeitas, interrogar, ameaçar, bacular. Montou uma emboscada ao longo da principal estrada entre

Aushenguk Fell e o norte porque — tinham-lhe dito — um bando de acacianos rebeldes fugira com um carregamento de armas e moedas para fomentar uma revolta planeada. Nenhum dos objetos ou pessoas foi descoberto. Atacou uma aldeia num súbito acesso de fúria incendiando casebre após casebre, devido a um testemunho jurado de que ali residia um membro da família real acaciana. Nada encontrou. Numa noite, ordenou aos seus homens para atacarem um subterrâneo quente como uma fornalha, pois tinham-lhe dito que Aliver Akaran encontrava-se ali escondido. Porém o que encontraram foi um antro de devassidão numrek tão horrível que lhes assombraria os sonhos.

Ao final de um mês em Aushenia estava irritado com a sua própria estratégia. Contentar-se com o testemunho dos camponeses não estava a dar resultado. Alguns dos que vinham ter com ele levavam-lhe informações erradas, outros, alimentados pela avareza, faziam grandes conjeturas que pouco tinham de real. Muitos baseavam o que diziam em rumores que não era possível confirmar. Outros eram mentirosos descarados. No olhar de alguns julgara discernir alguma alegria escondida. Isto irritava-o mais do que qualquer outra coisa. Aquela gente dos pântanos pensava que podia fazer dele um idiota!

Quando, por fim, chegou a Maeander uma informação verdadeira, não se tratava da pista que esperara. Foi ter com ele uma criada de um antigo guarda Marah que jurava que o seu senhor sabia qualquer coisa sobre a filha desaparecida de Leodan, Mena. Maeander prometeu à rapariga que se lhe contasse mentiras lhe espetaria uma ponta de lança ainda incandescente da fornalha no ventre. Ela assaria de dentro para fora. A rapariga, pálida e a tremer, manteve-se fiel à história.

Esse suposto Marah deixara de ser soldado, e, por qualquer razão, tinha uma pequena quinta entre dois penhascos. Maeander chegou lá com o seu grupo, entre o bater dos cascos e o entrecocar das armas. Encontraram o homem no campo, junto a um cavalo, observando-os como um velho que vê a morte chegar. Ouviu em silêncio ao que vinham, sem olhar para a rapariga nem expressar muita emoção. Fez um gesto apontando para a cabana. No interior húmido da casa, Maeander optou por ficar em pé, andando de um

lado para o outro enquanto o homem se sentava. Tinha de facto corpo de guerreiro, apesar de curvado e desgastado pelo trabalho na quinta. Colocou as mãos, de dedos finos, sobre os joelhos, fitando Maeander com os olhos congestionados pela bruma e perguntou a Maeander se podia acender o cachimbo. Maeander fez um gesto de assentimento.

Não era nem rápido nem cauteloso a falar. Parecia guardar o que sabia há tanto tempo que já fazia parte dele, mas ao mesmo tempo era um fardo de que se queria libertar. Respondeu com lentidão a uma pergunta após outra, dando réplicas honestas e concisas. Fizera parte do grupo de guardas que escoltara os Akaran até Kidnaban depois de o pai ter sido morto. Não fora particularmente próximo da família real. Ia observando de longe o desenrolar da história. Tinha toda a sua atenção concentrada num outro guarda Marah, um oficial que odiava havia muito e de quem se queria vingar. Foi por o ter seguido que descobrira que as crianças iam ser enviadas para um esconderijo. Esse homem, o seu inimigo, tornou-se o guarda de Mena Akaran. Seguiu-o às escondidas, abandonando o seu posto. Viu-os sair da ilha num barco e perseguiu-os até uma vila portuária na costa talayana. Viu-os tomarem outra embarcação, cheia de provisões e fazerem-se ao mar. Continuou a segui-los. Só conseguiu alcançá-los já em alto mar, fora da proteção do Mar Interior. Lá, matara o homem.

— Porque mataste esse guarda?

O homem exalou uma nuvem de fumo antes de responder.

— Senhor, ele ridicularizou o meu pai.

— Ridicularizou o teu pai?

O homem assentiu.

— Muito bem, ridicularizou o teu pai. Como? — pressionou Maeander.

— O meu pai era de uma aldeia no sopé das montanhas a norte de Senival. Falava com sotaque que esse Marah, que nascera em Talay, achava idiota. Assim o dizia.

Maeander ergueu o sobrolho, dando aos lábios uma expressão cómica.

— Foi só isso? Fez troça do teu pai por falar com sotaque? Mataste-o por isso?

— Fez outra coisa também. Eu tinha uma irmã...

— Ah! Essa irmã... agora chegamos ao cerne da questão.

O soldado olhou para Maeander com ar desconfiado.

— Não se trata do que estais a pensar, senhor. Ela era uma menina, a minha irmã. Era muito gorda. Fora sempre assim desde bebé. Um dia eu ia com ela a passar numa rua, era eu ainda um rapazito também, e esse Marah chamou a minha irmã. Dirigiu-lhe grunhidos como um porco e fez gestos libidinosos. Ela não tinha nada de ouvir aquilo nem de ver aqueles gestos. Nunca lhe consegui perdoar isso. Vivi anos com essa amargura sem lhe tocar com um dedo. Acreditava que ele era intocável, mas a pouco e pouco fui ganhando coragem. O ódio que lhe tinha fez de mim um guerreiro. Depois, a guerra trazida pelo teu povo tudo mudou, tornou possível muita coisa. Queria-o morto e assim fiz.

Maeander olhou nos olhos de vários dos seus homens, vendo que estavam prestes a rebentar às gargalhadas se ele o permitisse. Preferiu não o fazer. Tentou imaginar o homem envelhecido quando era menino, franzino e tremendo de raiva que não tinha a coragem de exprimir. Não conseguiu imaginar lá muito bem, mas raramente os homens se comportavam de modo que fizesse sentido para ele. Havia guerras que tinham começado por menos...

— Então tinhas uma razão para o matar. E a princesa?

— Nem lhe fiz mal nem a ajudei.

— Mas deixaste-a com vida?

O homem assentiu, mais descontraído agora pela droga.

Maeander fez um gesto a um dos homens para lhe retirarem o cachimbo. Disse:

— Queres então que acredite que o destino da princesa Mena Akaran foi determinado com base num insulto feito por um jovem a uma menina gorda, facto de que só tu te lembras?

— Acreditai no que quiserdes, senhor. Mas a verdade é esta.

Maeander arrastou um banco para perto do antigo Marah, sorrindo como se fosse um amigo chegado para tomar um copo.

— Conta-me mais então — pediu. — Quando foi a última vez que viste a princesa?

CAPÍTULO
QUARENTA E CINCO



Quanto mais tempo Aliver permanecia com os Santoth, mais sentia que lhes pertencia. Eles continuavam a agir daquele modo invulgar. Continuavam a deslizar como espelhos, deixando atrás um rastro. Aliver surpreendia-se sempre quando se moviam depressa, tão subitamente que ele não compreendia como haviam passado de um lado para o outro. Nem se conseguia habituar à mudança súbita das expressões faciais. Porém, em muitos aspetos, os feiticeiros acolheram Aliver calorosamente. Eram como parentes que se tinham encontrado pela primeira vez e se reconheciam a um nível mais profundo do que a sua consciência conseguia perceber.

Acabou por se familiarizar com os seus traços mudos. Por vezes, olhando para os vagos contornos de um daqueles rostos, perdia-se na contemplação de uma imagem como a sua, como se o ser à sua frente fosse um espelho vivo, um reflexo sólido e ao mesmo tempo incorpóreo de si mesmo, fiel à sua imagem e contudo diferente em aspetos que mereciam ser ponderados. Nunca mais pronunciara uma palavra em voz alta desde que ouvira a monstruosidade da sua própria voz da primeira vez, nem escutar através dos ouvidos lhe ocorria sequer. As vozes dos Santoth não possuíam ressonância audível, mas falavam-lhe no íntimo. Formavam-se ao ritmo do pensamento no espaço silencioso do seu espírito. Acabou por se sentir muito mais à vontade naquele género de comunicação com eles do que alguma vez se sentira.

Sentia que, no discurso que se desenrolava entre eles, os Santoth lhe afastavam partes da sua consciência. Procuravam parcelas, pedaços de memórias e informação, coisas guardadas nos lugares mais recônditos da sua mente e há muito esquecidas. À medida que as ia libertando, voltava de certa forma a vivê-las. Voltava a seguir os caminhos da sua infância. Via imagens que havia anos não sonhava, ouvia histórias contadas na cadência da voz do pai, escutava a mãe a cantar-lhe para o adormecer. Sentia novamente a paz completa que tinha ao aconchegar-se ao seu colo, com os braços dela a envolverem-no, a suave respiração dela a acariciar-lhe o seu rosto. Também se recordava de coisas não tão agradáveis.

Os Santoth possuíam uma curiosidade vagarosa, insaciável, sobre tudo o que ele vira e vivera, sobre a perspectiva que tinha da história e sobre os acontecimentos que para eles eram o passado mais recente. Sentiu como se desconcertaram ao saber que Tinhadin se permitira morrer dentro do espaço de tempo normal para um ser humano. Esse não era o feiticeiro que tinham conhecido, nem aquele que abrisse os braços na ambição de abarcar o mundo inteiro. Era-lhes também difícil aceitar que os descendentes diretos dos feiticeiros nada soubessem da língua do Doador. Como poderiam os descendentes de Tinhadin desconhecer *A Canção de Elenet*? Como poderia esse conhecimento ter desaparecido da existência? Aliver sentia a pulsação de pavor por detrás destas perguntas e sentia que não conseguiam acreditar totalmente naquilo. Os Santoth, apesar de velhos e sábios, estavam ligados como todos os seres à vida. Não sabiam o que o futuro lhes poderia trazer e temiam a incerteza do mesmo modo que toda a gente.

Contudo, davam a Aliver mais do que ele lhes oferecia. Talvez nada soubessem sobre os acontecimentos do mundo durante séculos, mas possuíam um conhecimento enciclopédico sobre os tempos antigos em que tinham nascido e vivido. Alimentavam Aliver de história e erudição. Explicaram-lhe o que fora a Redistribuição abrindo-lhe perspectivas completamente diferentes sobre o conhecimento que ele tinha da fundação da dinastia. Falavam de Edifus e de Tinhadin e de Hauchmeinsh como se se tivessem separado deles um dia antes. Contavam-lhe batalhas e duelos não

preservados através das Formas. Alimentavam-no com uma dieta feita inteiramente de conhecimento.

Pouco do que aprendia sobre os atos das pessoas começava ou acabava ou com os nobres ideais ou a maldade demoníaca que lhe haviam ensinado que estavam subjacentes a todas as grandes lutas. Havia algo de consolador nisso. Por uma vez, a natureza do mundo e os crimes dos homens ao formá-lo faziam completamente sentido. Havia uma verdade, compreendia. As coisas tinham acontecido de determinado modo. Era possível compreender os acontecimentos, embora sem os julgar e somente quando os olhava sem a vontade de os moldar de modo a dar-lhe certos significados, para os validar, para os explicar. Os Santoth não tentavam fazer nada disto. Simplesmente informavam-no e pareciam não ter opinião sobre fosse o que fosse no catálogo de crimes e sofrimento que contavam.

Muitas vezes a troca era feita numa consciência coletiva, dentro e fora da qual as vozes individuais fluíam à vontade. Ocasionalmente dava por si sentado ao lado do primeiro Santoth que falara com ele. Havia tido o nome de Nualo, embora na sua existência ali não fosse necessário chamá-lo pelo nome. Se algum pensamento lhe era dirigido, simplesmente sabia que era com ele; do mesmo modo, se Nualo pensava em qualquer coisa, Aliver sabia através da forma, cadência e sensação que o pensamento provinha dele.

A determinada altura — quer fosse noite quer dia, um dia, uma semana ou um ano após a sua chegada ao Sul distante, Aliver não sabia dizer — Nualo confessou que compreendera uma coisa, uma falha na concepção que Aliver tinha do mundo. Tinha que ver com a história de Bashar e Cashen.

Esse conto, como qualquer criança em Acácia sabia, dizia que dois irmãos nobres que não tinham conseguido partilhar o poder por igual se tinham tornado grandes inimigos. Haviam combatido nas montanhas e, por vezes, durante as grandes tempestades, ouvia-se novamente a sua ira na batalha que travavam. Era uma história, disse Nualo, que ocultava uma verdade que Aliver devia saber.

Não houve nenhum Bashar, disse. Não houve nenhum Cashen.

Houvera, contudo, dois povos, um chamado basharu e o outro cularashen. Num passado longínquo haviam sido duas nações

talayanas. Haviam vivido tanto tempo que não se conseguia medir em anos. Eram oriundos de antepassados comuns, mas tinham evoluído de forma diferente e pensavam ser inteiramente diversos. À medida que as duas nações se iam tornando mais prósperas e aumentavam de número, começaram também a sentir orgulho. Os basharu achavam-se os preferidos do Doador. Os cularashen diziam que isto era uma heresia; eram eles os amados do Doador. Então os dois povos tentaram provar o que afirmavam: nas bênçãos que o deus lhes atribuía, nas colheitas com que os recompensava, nas cheias com que destruía as terras uns dos outros. Cada ano — cada mês, dia ou hora — confirmava ou negava o que afirmavam.

Por fim, ambas as raças concordaram em consultar o deus. Com preces e sacrifícios, oferendas e cerimónias, perguntaram ao deus quem preferia. Queriam que o Doador escolhesse entre os dois povos para que todos vissem quem preferia. O Doador, contudo, não lhes respondeu. Não, pelo menos, através de um sinal que ambos os lados pudessem concordar. Assim, lutaram para decidir a questão.

A guerra que travaram foi a primeira entre as nações dos homens, mas com isso aprenderam todas as degradações que os seres humanos iriam sempre praticar. Os basharu acabaram por ganhar as terras de cima. Os cularashen fugiram de Talay. Embarcaram e foram dar a uma ilha no meio do que para eles era um vasto mar. Levaram com eles muitas coisas, incluindo as sementes das acácias. Plantaram-nas por toda a ilha de modo a sentirem-se como na sua terra. Viveram nessa ilha desde então.

Este nome, cularashen, explicou Nualo, perdeu-se na memória dos tempos. Tal como basharu. Porém, esse povo — os derrotados cularashren — são o povo a quem chamas acacianos. Tu, príncipe, és um deles.

Como podia ser isso? perguntou Aliver. *Somos tão diferentes dos povos de Talay. Em tantos aspetos...* referia-se às características de raça — cor da pele, traços do rosto e complexão. Mas hesitou em projetar este pensamento. Algo nele o embaraçava.

Nualo compreendeu-o. Disse que o Doador se irritara com a loucura do povo. Abominou a guerra e a loucura de que fora

tomada a sua amada criação. Se os seres humanos pensavam ser tão diferentes uns dos outros, ainda os tornaria mais. Mudou a língua que falavam e fê-los falar de modo diferente, de modo que as palavras de uns não passassem de estranhos sons para outros. Queimou uns com o sol intenso e deixou que outros se tornassem brancos como a neve nas regiões frias. Esticou ou achatou narizes, fez uns altos e outros baixos, pôs olhos em bico e outros grandes e redondos, encaracolou cabelos ou deixou que crescessem lisos. O Doador engendrou tudo isto como uma prova para os fazer pensar. Porém, não o fizeram. Pouco depois começaram a pensar que de facto eram bastante diferentes e a discórdia começou a ser norma. Isto, além da traição de Elenet, foi outra razão que fez com que o Doador se afastasse desgostoso do mundo. Desde então nada mais teve a ver com ele.

Todas as raças são uma só?, perguntou Aliver.

Todas as raças do mundo são uma só, respondeu Nualo. *Esquecerem isto foi o segundo crime cometido pelos seres humanos. Continuamos a sofrer por isso.*

Aliver teve de viver com esta nova versão do mundo durante algum tempo até esta se tornar real. O velho orgulho do seu carácter troçava da ideia de os acacianos não passarem afinal de um povo derrotado, de uma tribo fugida de Talay. Vivera toda a vida com a ideia da supremacia de Acácia como um dado adquirido. Era certo que lutara por superar os seus companheiros talayanos em todas as competições nos últimos nove anos, mas tomara isso como uma falha sua. Não estava ao nível do seu povo. Fora isso que o levava a exigir mais de si, a esforçar-se, e a lutar como um guerreiro e matar o larix.

Estava tão certo dos seus fracassos que desejara escondê-los em cada dia da sua vida. Nada disso lhe abalara a crença de que as diferenças observadas no exterior de um povo refletissem igualmente irrefutáveis diferenças no seu íntimo. Nualo e os outros Santoth tinham feito essa crença cair a seus pés e deixaram-no a vaguear num mar de possibilidades inimagináveis. Por razões que não entendia inteiramente, isto perturbava-o mais do que quaisquer outras revelações que tivera dos Santoth.

Parecia ter passado uma eternidade quando lhe perguntaram

qual o seu objetivo. Fizeram isso em conjunto. Rodearam-no, círculo após círculo, rosto de pedra após rosto de pedra, de modo semelhante ao da primeira vez que o haviam acolhido. Aliver só a pouco e pouco se apercebeu de que tinham um propósito em mente. Tinham-no aceitado. Haviam esperado. Haviam aprendido e partilhado conhecimento com ele. Agora, queriam.

Leva-nos de volta ao mundo, pediram, falando em uníssono. Liberta-nos.

Garantiram-lhe que era o único que poderia fazer isso. Só ele, em toda a sua geração — isto é, o primogénito da linhagem patriarcal de Tinhadin — poderia quebrar a maldição que os mantinha num estado à parte do resto do mundo. Fora assim que Tinhadin tecera o seu feitiço. Era uma magia poderosa, mas o próprio Elenet decretara que existia um modo de quebrar qualquer feitiço. Sabia que os homens acabariam sempre por errar ao falarem na língua do Doador. A falha podia não ser logo óbvia, as ramificações não seriam visíveis durante séculos, mas os erros acabariam por se revelar. Tinhadin fora obrigado a seguir esse édito, mesmo quando punia alguns da sua ordem.

Não existe feitiço, disseram os Santoth, que não possa ser desfeito. Há sempre uma porta de saída que nunca se fecha. Tu és essa porta, basta que pronuncies as palavras certas.

Que palavras?, perguntou Aliver.

Contudo, a isso os Santoth não sabiam responder. Somente Aliver a poderia dar. Nem sequer lhe poderiam ensinar, visto que o seu discurso divino estava tão corrompido pelo tempo que nada do que proferiam saía como pretendiam.

Nada sei da língua do Doador, explicou Aliver, o que já dissera mais do que uma vez. Nunca ouvi falar antes do livro de Elenet. Nunca me ensinaram uma única palavra da língua da criação. Perdoem-me, mas não vos posso ajudar.

Os Santoth não esconderam o seu desapontamento. *Então, porque razão nos procuraste? Porque nos despertaste do torpor em que nos encontrávamos?*

No fundo, porquê? Quase se esquecera dos anos terrenos que estavam na origem do presente. Teve de empreender algum esforço para se recordar do seu propósito. Mas, assim que o tentou, tudo

lhe voltou à memória. Fora procurá-los, cheio de importância, com um objetivo que lhe pendia sobre a cabeça como um castigo. Havia um mundo — onde havia pessoas que amava — embrenhado numa luta titânica. Fora até ali à procura de ajuda, não de refúgio, não à procura de um lar para banidos, não para esquecer o mundo. Viera perguntar aos Santoth o que poderiam fazer para salvar uma família — e um mundo — que os exilara.

Deixou que tudo isto fluísse para os feiticeiros. Pairou no ar, entretecendo-se na respiração, circulando e passando entre todos naquela troca silenciosa que agora parecia tão natural.

Pedes-nos algo que não podemos fazer, responderam, talvez te pudessemos ajudar a partir daqui, mas haveria limites.

Com os vossos poderes muito podem fazer. Tenho a certeza. Eu... dou-vos a minha autorização para saírem daqui e regressarem ao mundo.

Os Santoth levaram algum tempo a ponderar nisto. Seria bom aventurarem-se até ao norte, admitiam. Porém, sem estarem completamente libertos da maldição de Tinhadin nunca funcionariam como pessoas normais no mundo. Seriam como fantasmas assombrando um mundo do qual não faziam bem parte. Além disso, não o poderiam ajudar da forma que ele pretendia.

Tu queres começar uma guerra.

Foi a vez de Aliver hesitar. Eles colocavam a questão de modo tão simples. No entanto, era verdade — ou quase. Ele não queria aquilo, mas aproximava-se uma batalha. Agora que se recordava de tudo, via que toda a sua vida o levara rumo a uma guerra, uma guerra horrível. Um combate de tão grandes dimensões que o libertaria ou o destruiria. Não tinha escolha a não ser participar. Em breve teria de voltar ao mundo e então... *Sim, travarei uma guerra contra os meus inimigos.* Esteve para acrescentar a palavra «nobre» ou «justa» ou «honrada», pois era uma guerra desse género que queria travar. Remoeu as palavras na mente, mas não as projetou. Sabia o que os Santoth pensariam destas ideias.

Podes convidar-nos a voltar ao mundo, disseram os Santoth, mas seríamos apenas forma, sem substância.

Mas, e se forem libertos?, perguntou Aliver. Se eu encontrar o livro de Elenet... Se aprender como vos libertar... Então lutarão por mim?

ACÁCIA

Ao perguntar isto, sentiu o coração palpitar enquanto observava os rostos como uma mancha em seu redor, sentindo a gravidade com que consideravam a resposta a dar-lhe. Era a primeira vez que sentia a sensação de tempo desde que ali chegara. Algo se alterara. O mundo começava a chamá-lo e era urgente ter uma resposta para aquela pergunta. *Lutarão por mim?*

Se nos libertares, lutaremos por ti, disseram por fim os Santoth com uma rapidez que traía as emoções que até ali tinham tentado controlar. *Faz-nos novamente feiticeiros, senhor príncipe, e limparemos o mundo de modo a poderes reconstruí-lo segundo os teus desejos.*

CAPÍTULO
QUARENTA E SEIS



↳ Spratling acordou. Abriu os olhos. Estava livre do sonho. Não era real. Tentou dominar o medo que o fizera acordar tão bruscamente, mas não foi fácil. A iluminação que provinha da lâmpada junto à porta desconjuntada da cabana só aumentava a ameaça que sentia a pulsar nas paredes. Havia um medo latente no banco de três pés com a roupa pousada e um significado sinistro na garrafa de vinho meio vazia na prateleira da parede. Do exterior conseguia ouvir o marulhar das ondas. Sabia que nada havia a re-crear naqueles objetos e sons banais. De certo modo, nada houvera no sonho que infundisse medo. Nada que se comparasse aos perigos que enfrentava diariamente. Contudo, isso em nada o ajudava naqueles momentos entre o sonho e a consciência.

O pesadelo de que fugira fora mais uma variação das visões que lhe atormentavam o sono desde que Leeka Alain chegara às Ilhas Distantes, insistindo em tratá-lo por um nome que quase esquecera. Cada sonho começava com uma consciência da sua pequenez. Era uma criança franzina, espigada e de braços magros. Via o mundo a partir de baixo. Sabia que era um alvo, perseguido por uma ameaça sem nome e sem forma. Se este ser o encontrasse, algo de terrível aconteceria. Não sabia o quê, mas não conseguia ficar quieto para descobrir. Vagueava por corredores subterrâneos, um labirinto sombrio e absurdamente complexo. O mundo só existia à sua frente e ele só existia se continuasse a avançar por esse

mundo. Atrás de si as coisas desvaneciam-se. Ele apressava-se pelo labirinto, temendo o que poderia encontrar. Das paredes de pedra estranhas criaturas de garras estendidas, de grandes bicos e com cornos ameaçavam-no tomados por expressões de raiva. Quão fácil seria a qualquer delas despedaçá-lo; era tão assustador ver que se mantinham tão imóveis fingindo que eram de pedra e nada mais. Mas não eram, claro. Se escutasse com atenção, ouviria a sua respiração abafada.

Embora os corredores fossem diferentes e nunca repetisse o caminho, acabava por chegar sempre ao mesmo destino. Ia dar a uma sala brilhantemente iluminada. Estava cheia de gente e ecoava risos e música, o tilintar de copos que se assemelhava ao barulho de uma cascata. Cem rostos viraram-se para ele, sorrindo. Estavam ali reunidos para o honrar. Era o seu aniversário. Fora aquilo de que andara tanto tempo à procura! Era a festa dos seus dez anos. Aproximavam-se dele, chamando-o pelo nome que Leeka também usava. O seu nome era, aliás, a única palavra que pronunciavam: diziam-no de mil maneiras, construindo frases, a ecoar como perguntas, fortes como acusações. Falavam uma língua constituída inteiramente por uma palavra: o seu nome.

Uma dos convivas, a mais nova das raparigas, estendia-lhe uma mão, com a palma branca virada para cima, curvando os dedos num aceno. Esse gesto deixava-o apavorado. Ela aproximava-se dele, sussurrando, indicando que ele não precisava de ter medo. Quanto mais ela o reafirmava, mais ele achava que era uma mentira. Ela tinha uns olhos castanhos enormes. Eram demasiado grandes para o rosto dela. Apercebeu-se, de imediato, num momento de claridade, que ela não era quem ele pensava, mesmo que não conseguisse saber que identidade lhe havia dado. Era este paradoxo que o empurrava para a consciência.

Como sempre, a experiência deixava-o abalado. Quem tinha ele pensado que a rapariga era? Quem tinha ele percebido quem ela era realmente? Por vezes passava a maior parte do dia atormentado por aquela imagem, assombrado por aqueles olhos. Sabia que a identidade dela estava no seu íntimo. Era como se estivesse um dado de cem lados em que a verdade estava escrita num só lado. Por mais implacavelmente que lançasse o dado nunca descobriria a resposta.

Wren estava deitada a seu lado. Voltou-se na esteira, virando-se de costas. Sentia que quase podia ouvir as pálpebras dela a abrirem. Os seus olhos não eram nada parecidos com os da rapariga nos seus sonhos. Wren era de um povo do litoral, a norte de Candovia. Tinha o cabelo fino e muito louro como as mulheres do Mein, mas os olhos eram mais estreitos, e não estavam enterrados no rosto como os delas. Tinham uma expressão vagamente sonolenta, o que era um engano, já que possuía um espírito arguto.

— Os sonhos só têm poder no seu reino — dissera-lhe um dia. — Só os atos possuem verdadeiro poder. — Spratling sabia que ela tinha razão, mas não tinha a certeza de encarar aquilo como um consolo ou um desafio.

Mais tarde, ao juntar-se à multidão de corsários que tomavam a refeição da manhã, caminhou por entre eles, sorrindo e dizendo piadas, no modo brincalhão que usava para com os seus homens. Estes estavam sentados em bancos em redor de um fogão que viera do refeitório de Palishdock. Era enorme, de ferro. O próprio Spratling levava um pequeno grupo ao local para salvarem o que restava das cinzas e destruição que o navio da Liga causara. O facto de ali estar — na ilha do sul que era agora o seu terceiro esconderijo em igual número de meses — levantara o moral dos homens.

De pé na areia, diante do fogão, respirando o cheiro a toucinho grelhado que saía deste, preparava-se para tirar uma fatia com os dedos e não reparou na chegada do general até o ouvir falar. Leeka estava a alguma distância, do outro lado do fogão. Falou de modo a todos ouvirem.

— Porque não haveis falado a toda a gente sobre a chave? — inquiriu. — Porque não lhes haveis contado o que disse o prisioneiro?

O apetite de Spratling, a boa disposição que sentia, o transitório sentido de equilíbrio, tudo desapareceu num instante. Sabia que aquele momento chegaria, claro. Tinham passado oito dias desde que atacara o navio de guerra. Pedira silêncio a todos os que tinham ouvido para que servia a chave, mas os segredos não duravam muito entre corsários, especialmente havendo um prisioneiro da Liga entre eles. Spratling amaldiçoou-se a si próprio por ter trazido o prisioneiro. Deveria tê-lo morto naquela noite, mas não conseguira resistir a levar um prisioneiro tão valioso, queria

saber o que o homem teria para lhe contar. Tinha-se assegurado de que fossem aqueles que tinham estado com ele na cabina do navio a levar comida e água ao homem, e só Spratling e Dovian o haviam interrogado. Porém, a sua presença estava na cabeça de todos desde que tinha voltado.

— Aqui sou eu quem toma as decisões, não tu. Há sempre uma razão para agir como ajo.

— Pensava que era Dovian quem liderava este grupo — retorquiu Leeka. — Sois apenas um dos seus corsários, não? Assim o haveis dito, Spratling, o corsário. Um de muitos...

Virando-se para o encarar através das chamas ondulantes que saíam do fogão, o rapaz disse:

— Seja como for, não és *tu* quem toma decisões aqui. — Deu à voz um tom firme e ameaçador. Não fora intenção sua responder com tanta raiva, mas tinha tendência a explodir sempre que aquele homem aparecia. Não guardara o segredo por timidez, que raios! Precisava apenas de pensar no seu significado, ponderar sobre o que podia fazer daquilo. Leeka não tinha nada de lhe chamar a atenção sobre isso.

— Dovian concorda comigo — respondeu o general.

Como se estivesse à espera, o velho corsário levantou-se do lugar onde estava, numa ponta do grupo. Andou pesadamente para a frente, a coxear com se fosse um urso ferido. Cerrou os dentes à dor que sentia. Parecia andar melhor nas últimas semanas. Estava a pé mais vezes, mas Spratling não sabia até que ponto ocultava a doença que o afligia.

Leeka prosseguiu.

— Possuís uma arma que pode causar bastantes danos à Liga. Deveis dar isso a conhecer e juntos devemos planear como a usar.

Spratling olhou do acaciano para o candoviano com uma expressão de aborrecimento. Dovian limitou-se a olhá-lo, triste, como que a desculpar-se, com olhar desapontado.

— Falaremos disto mais tarde...

— Não — disse Leeka. — Falaremos disto agora. Não quereis falar agora? O vosso jovem capitão traz ao pescoço uma chave de que todos devem ter conhecimento. Quereis ouvir do que se trata, não quereis?

Ninguém respondeu. Não era preciso. Percebia-se o que aquele silêncio queria dizer. Claro que queriam saber. Spratling sabia que mereciam saber. Atirou ao chão a comida, sem apetite.

Nessa tarde fizeram a reunião alargada que Leeka pretendia. Sentaram-se na areia ao pé do mar, sob a sombra entrelaçada das palmeiras e um céu sem nuvens, como uma abóbada azul perturbada apenas pelo progresso da luz branca do sol. Spratling não tentou dirigir a reunião. Wren e Clytus, Geena e todos os que tinham estado envolvidos no ataque ao navio da Liga ficaram satisfeitos por poderem quebrar o silêncio a que estavam votados e falar em unísono.

— Lembram-se de que há alguns meses — proferiu Geena — quando se tomou o brigue com o prego de Spratling, voltámos com um bom tesouro, não foi? Havia no entanto uma peça mais valiosa do que todas as outras.

— Estão a ver aquele pendente ao pescoço do Spratling? — perguntou Wren. — É disso que estamos a falar. Todos o vimos, mas não sabíamos o seu valor até o piloto do navio de guerra no-lo explicar. É uma das várias chaves que abrem as plataformas da coroa exterior.

— Só existem vinte — disse Nineas. — Só vinte. E nós temos uma.

— E trouxemos o piloto connosco — continuou Clytus. — Aposto que Spratling tem aprendido todo o género de coisas com ele. Por isso temos de pensar bem se haverá algum uso que possamos dar à chave assim como à nossa nova fonte de informação.

Durante as horas que se seguiram os corsários debateram entusiasticamente esta questão. Elaboraram planos e ideias, ficando cheios de vontade de vingança e da possibilidade de riquezas inimagináveis. Os homens da Liga eram imensamente ricos e tinham gostos extravagantes. O que poderiam albergar aquelas plataformas? Milhares de escravos? Armazéns repletos de bruma? Talvez encontrassem concubinas de rara beleza. Carradas de prata e de ouro. Palácios flutuantes cobertos por entrelaçados de videiras e flores e com pavimentos de mármore. Poder-se-iam vestir de sedas e beber de cálices talhados em turquesa e comer, comer, comer como nunca antes tinham comido. Poderiam viver o resto da vida

só para o prazer. Poderiam nadar em fortunas como sonham todos os corsários. Talvez até pudessem tomar conta do comércio da bruma! Encostariam Hanish Mein à parede e a sua sorte não teria limites.

Com o consentimento de Dovian, trouxeram o prisioneiro. De mãos amarradas e roupa em farrapos, permaneceu tímido e sujo no meio daquela algazarra, com sangue seco no lábio superior. Por vezes tinham de o empurrar ou sacudir, ameaçá-lo ou dar-lhe um pontapé, mas respondeu às perguntas que lhe fizeram. O que relatou acendeu ainda mais o entusiasmo do grupo.

Spratling deixou-os falar, impressionado com a facilidade com que se perdiam em conjeturas. Existiam obstáculos enormes perante eles, mas, no frenesim em que estavam, nem sequer os mencionaram. Leeka pouco ajudou. Até Dovian parecia pensar que aquilo serviria para alguma coisa. Só quando se acalmaram é que Dovian aclarou a garganta para falar.

— É tão bom imaginar, não é? — Pôs-se em pé e circulou à frente do grupo, em passos lentos. Apesar da idade e da saúde debilitada, o homem ainda dominava a atenção, mesmo quando desenhava um círculo na areia com os pés enormes.

— Bem sei que é muito bom dar largas à imaginação. Todos sabem que tive uma história relacionada com as plataformas. Via-as uma vez quando era novo. Limitámo-nos a passar por elas, à laia de provocação. Mandaram atrás de nós uma frota inteira e perseguiram-nos até tão a norte que avistámos blocos de gelo a flutuar no mar. Quase nos matava, aquela pequena façanha. Mas via-as. São como as imaginam, mas mais assombrosas ainda.

Estacou. Olhou em volta procurando inadvertidamente a bengala em que ultimamente se apoiava para andar. Dando por si, endireitou-se e olhou um a um cada um dos presentes.

— No entanto, não nos podemos apoderar dos tesouros deles. Não é por isso que aqui estamos. Nem um exército inteiro conseguiria cercar o lugar e, de qualquer modo, não possuímos nenhum exército. E as riquezas deles... para dizer a verdade, não as quero. É de escravos que falam? De concubinas? Vamos lá a ver, então. Nunca me importei com uma pilhagem aqui e ali. Sempre tirei o que quis. A pirataria é um trabalho honesto, não é? Fazemo-lo com as

nossas mãos, esforçamo-nos. Aquilo com que a Liga trafica é algo de uma infelicidade completamente diferente. Não queremos isso, amigos. Talvez queiram, no entanto, correr com eles do mundo. Querem recompensas? Que tal o amor de todas as crianças que não seriam mais traficadas através dos mares? Que tal a gratidão que os pais teriam por vós? Que tal apenas saber que tinham mudado o mundo para melhor?

Dovian interrompeu-se um momento, procurando em cada rosto uma resposta. O seu olhar passou por Spratling, mas não o examinou de forma diferente dos outros.

— O que vos estou a dizer é que há apenas uma coisa que podemos fazer com esta chave, e é precisamente aquilo que devemos fazer com ela.

Nenhum dos corsários, que momentos antes estivera ávido de pilhagem, se queixou. Tamanha era a influência que Dovian tinha sobre eles. No fundo, o plano demorou pouco a fazer, visto o empreendimento exigir mais coragem do que qualquer outra coisa. A missão, explicou então Dovian, era no fundo muito simples. Tinham apenas três obstáculos a ultrapassar: chegarem às plataformas sem serem detetados e usar o que o piloto sabia para encontrarem o portão certo, inserir a chave e esperar que a fechadura não tivesse sido mudada, e descobrir um armazém em particular. Dovian acreditava que cada um destes desafios seria possível de vencer.

Por exemplo, na aproximação teriam principalmente de evitar que os vissem. As plataformas eram tão sólidas e maciças que a Liga certamente não recearia que as atacassem. Havia centenas de anos que não sofriam um ataque e de certeza que não temeriam uma embarcação pequena.

— É verdade que poderão aperceber-se de um pequeno barco. Mas talvez não o vejam. Não andarão à procura dele, de certeza. Não existe marinha no mundo que os ameace e nem sonham que tentaremos o que vamos fazer.

Contudo, claro que mesmo assim teriam de ser extremamente cautelosos. Havia um atol a menos de um dia de navegação das plataformas. Se zarpasssem daí, com tudo cronometrado e as condições de navegação certas, deveriam alcançar o objetivo a coberto da noite.

O problema da chave ainda servir era outra questão.

— E se tiverem mudado a fechadura? — perguntaram várias vozes ao mesmo tempo. — Ou se colocaram guardas nos pontos de entrada?

Dovian achava que alguns meses não eram tempo suficiente, mesmo se tivessem querido mudar as fechaduras. Era tão difícil fabricar uma chave daquelas que levaria bastante tempo a substituí-la ou alterá-la. Além disso, só meia dúzia de homens da Liga possuíam uma chave daquelas. Juravam guardá-las como à vida.

— Quem quer que tivesse jurado proteger esta não o fez — disse Leeka. — Não a acompanhou e enviou-a num navio desprotegido. Teve a loucura de a deixar naquele navio e aposto que não confessou que a perdera. Fazê-lo significaria a morte. Até os homens da Liga gostam da vida, não é? — O general dirigiu a pergunta ao prisioneiro.

O homem respondeu, abatido.

— Mais do que qualquer pessoa exceto eu.

— Ele tem esperança que não saibamos o que é — disse Dovian. — Nós não sabíamos, pois não? Ali o Spratling usava-a ao pescoço como recordação. Poderia tê-la derretido ou deitado fora sem pensar muito nisso. Se fosses o homem da Liga, darias a tua vida pela vaga possibilidade de alguém poder reconhecer isto e perceber como se pode usar?

Por fim, abordavam o problema do que fazer assim que chegassem às plataformas. Contudo, Dovian parecia bastante confiante. Dos muitos quadrantes das plataformas flutuantes, havia uma mais afastada, separada das outras por um pontão.

— A plataforma dos armazéns do pez — explicou — é onde o fabricam e armazenam. Não há no mundo material mais inflamável. Já todos o vimos em ação. Incendeia-se com a maior facilidade e arde que é uma maravilha, mesmo debaixo de água. Basta-nos chegar lá e atear-lo. Explodirá e rebentará com tudo. Atirá pedações ardentes ao céu que cairão sobre outras plataformas. Destruirá boa parte daquilo. Acredito que sim.

Spratling, apesar de estar à parte de toda aquela discussão, sentia o corpo agitar-se perante aquelas possibilidades. Era uma

ideia inacreditável, um plano em grande que teriam de tentar realizar. Mas havia uma falha.

— Alguém terá de o atear — proferiu então. — Contudo, essa pessoa não conseguirá sair de lá com vida.

Dovian fez uma expressão de aborrecimento por ele ter trazido o assunto à baila, mas os outros pararam para pensar. Geena sugeriu um rastilho que desencadeasse a explosão. Poderiam atirar uma flecha incendiária, sugeriu um corsário mais jovem. Um outro aventou catapultar outra «cápsula» por cima dos muros. Porém, todas estas ideias tinham falhas e foram rejeitadas. Não se podia confiar em rastilhos muito compridos. Podiam ser descobertos à distância ou apagarem-se antes de chegar ao destino. Se um guarda desse por isso, poderia destruir-lhes os planos, bastando espezi-nhar o rastilho com uma bota. Uma flecha ou cápsula catapultada — mesmo que o conseguissem fazer — mesmo assim significaria uma explosão imediata que poderia arrastar toda a tripulação. Não, para sobreviverem teriam de estar bem afastados. Um deles teria de atear o pez de perto e ter a certeza de que explodiria. De outro modo o plano era frágil e poderia falhar completamente.

— Bem, então e que tal isto — propôs Dovian. — Quando chegarmos à plataforma, tiraremos à sorte para ver quem irá à frente. Todos os que forem no Ballan o farão. Se não concordarem com isto, então não embarquem. Fiquem de fora já. Todos os que embarcarem tirarão sortes e haverá um que irá. Talvez seja estranho deixarmos isto à sorte, mas assim perderemos somente uma pessoa. E esse levará certamente consigo alguns homens da Liga.

Uma semana mais tarde o Ballan zarpava com um grupo pequeno. Contornaram a ilha grande de Thrain e passaram por entre os montes vulcânicos conhecidos como os Milhares. Aguardaram dois dias escondidos numa caverna no lado ocidental das ilhas e na manhã do terceiro dia prosseguiram até ao mar alto. Os ventos tornavam a navegação difícil, mas as correntes estavam a seu favor. Rumaram a norte e depois fizeram um desvio para oeste. Durante boa parte da manhã foram escoltados por golfinhos, que

se prolongavam a perder de vista dos dois lados do barco às centenas, emergindo e submergindo, emergindo e submergindo nas ondas. Ninas disse que era um bom sinal, pois os golfinhos eram uns marotos e sabiam que os corsários estavam prestes a fazer uma grande travessura.

Descobrir o atol de que Dorian se lembrava revelou-se difícil. Procuraram-no durante dois dias sem sorte nenhuma e estiveram para se decidir a fazer as coisas sem o encontrar. No dia seguinte, porém, lá surgiu um pequeno grupo de palmeiras no horizonte. Navegaram até lá e passaram o resto da tarde falando sobre o plano novamente, escondidos onde havia sombras na praia, bebendo leite de coco com bastante açúcar, alguma água e álcool. Não muito, contudo. O suficiente para os manter animados, mas que não lhes afetasse mais tarde os sentidos, quando voltassem ao trabalho.

Retiraram as velas habituais e substituíram-nas por panos azuis-escuros. Pintaram os lados do Ballan com uma substância escura, retiraram o brilho de todos os pontos visíveis e dependeram panos em todas as janelas de vidro. Assim disfarçados, zarparam na direção do sol poente, prosseguindo depois já pela noite dentro. A voz de Dorian fez-se ouvir no silêncio, dizendo-lhes para se manterem firmes. Pouco falava e não deu instruções complicadas. Lembrou-os só de coisas simples, lembrou aventuras passadas, comentou algumas coisas sobre membros da tripulação em que reparara e achava que deveria partilhar com eles. Assim passaram as horas.

— Luzes à proa! — disse o marinheiro no cesto da gávea.

Um momento depois Spratling saltava para a pequena plataforma, subindo o mastro a toda a velocidade. Colocou-se junto do jovem marinheiro.

— Se não soubesse o que era, diria que se tratava de uma cidade — proferiu o marinheiro —, de uma grande cidade, como Bocoum. — Calou-se uns instantes. — Não, maior ainda. Como Alecia.

Mesmo assim estava longe da verdade. Não era apenas o número de luzes, pensou Spratling. Era o modo como se estendiam no horizonte escuro, por milhas e milhas. Era difícil compreender a dimensão daquilo, mas não conseguia deixar de pensar que esta-

va a contemplar o litoral de uma grande massa de terra. Manteve o rumo enquanto Dovian dava ordens para irem baixando as velas. Depois, quando chamaram os remadores, desceu do seu posto e começou a sussurrar a cada um dos homens. Ajudou-os a colocar os remos silenciosamente nos encaixes que tinham sido almofadados para o efeito. Ele próprio remou durante um bocado, ajustando o movimento ao ritmo lento que Nineas marcava de forma surda e regular, como o coração palpitante de um navio, mais sentido que ouvido.

Mais tarde, Spratling foi para junto de Dovian, observando a monstruosidade que se lhes deparava, tentando abarcar a dimensão daquilo, quantificar o seu tamanho em termos finitos. Não havia sinais de que a estrutura flutuasse sobre as ondas. Parecia tão sólida como se fosse construída inteiramente em pedra, como se tivesse alicerces a prendê-la ao fundo do mar. As muralhas que a protegiam erguiam-se lisos e informes trinta metros acima da ondulação. Só lá em cima a geometria cerrada do lugar se abria em varandas e terraços, torres e janelas iluminadas. Poderia albergar... quantas? Meio milhão de almas? Um milhão? Mais? Parecia-lhes que havia milhares de pares de olhos a olhá-los lá do alto. Remaram ao longo do paredão do monstro, num silêncio dominado pelo espanto e pelo terror.

Ao contornarem a extremidade sul da plataforma, iam observando a situação. Ao longe, havia um complexo retangular bastante grande. Era uma sombra escura contra o céu da noite, numa geometria de obsidiana negra, onde algumas luminárias davam claridade fraca sobre cada canto. Um pontão flutuante com cerca de trezentos metros ligava-o à estrutura principal. Era tão largo como as maiores estradas do reino, ondulando ligeiramente em movimentos que, por instantes, evocaram as imagens de um grande monstro marinho.

— Diz à tripulação para preparar o barco mais pequeno — ordenou Dovian. — Quando estivermos mais perto, que o larguem no mar. Dá a chave a Clytus e a Wren. Que vejam se serve na fechadura.

— Clytus e Wren?

— E mais seis homens para remarem com eles, todos bem

armados. Eles conseguem. Sabes disso. Quando os mandares ir, vem ter comigo. Quero que fiques aqui e ouças o que tenho para te dizer.

— Precisamos de tirar à sorte — lembrou Spratling.

— Faz como te digo. E depois volta aqui.

Spratling assim fez. Momentos depois estava de volta, com o saco com os pedaços de madeira marcados na mão. Olhou para os armazéns e observou a silhueta da pequena embarcação remando até ao pontão e desaparecendo na sombra. Pouco depois julgou ver vultos movimentando-se sobre o pontão, mas desapareceram num instante. A partir daí, os momentos arrastavam-se, tensos e enervantes.

A partir do Ballan só podiam adivinhar o que Clytus e Wren estariam a fazer a partir daquilo que o piloto lhes contara.

— Haverá alguns guardas ao portão — explicou o homem. — Mas se forem discretos eles não darão pela vossa presença. — Dissera que as plataformas nunca haviam sido atacadas desde que existiam. A Liga considerava a distância a que se encontravam de terra proteção suficiente. Além dessa limitação natural, havia a enormidade das suas muralhas e a fama vingativa do Inspetorado Ishtat. Além disso, a especificidade das chaves e o facto de apenas os homens de maior confiança da Liga as possuírem, assim como a lealdade sem limites entre os Sires: tudo isto lhes dava confiança para se sentirem inexpugnáveis. Os guardas eram uma medida pontual e sabiam disso. — Se tiverem sorte, encontrá-los-ão a dormir.

Spratling não tivera a certeza de poder confiar no homem. Poderia estar a mandá-los para uma armadilha. Porém, assim que se habituou ao seu papel de traidor, o piloto revelou-se extremamente útil. Ficou tão cooperante que Nineas dissera:

— Acho que o fulano agora se julga corsário. — De facto, parecia prever todas as perguntas e respondia-lhes antes de lhas fazerem.

Deveriam evitar a entrada principal, avisara. Ficava situada junto ao sítio onde o pontão se ligava ao armazém do pez. Tinham, por isso, de seguir ao longo da muralha para sul, até encontrarem a entrada usada pelos antepassados, quando chegavam ao armazém

pelo lado do mar. Era uma porta alta, estreita e com uma única fechadura ao meio. Tinham de inserir a chave completamente, como se fosse um bloco geométrico de brincar que precisava de ser colocado no compartimento certo. Era tudo. Não era preciso dar nenhuma volta ao trinco. Era por isso que a chave não se assemelhava a uma chave. Uma vez inserida corretamente, a porta abrir-se-ia ao menor empurrão. No interior encontrariam uma confusão de objetos armazenados e manufaturados, maquinaria que não sabia pormenorizar. Mas não seria necessário. Lá dentro teriam somente de procurar a maior pilha de material explosivo do Mundo Conhecido. Com isso fariam o que bem entendessem.

Sentindo que o tempo se arrastava interminavelmente, Spratling desejou estar lá com eles. Deveria ter sido ele a correr o risco. Fora ele quem os conduzira ali, quer gostasse de o admitir quer não. Porque não fora com eles? Dovian dera as ordens e ele obedecera. Porque não o questionara...

Antes de Spratling perceber o que se passava, Dovian aproximou-se, pegou no saco com os pedacinhos de madeira marcados e atirou-o ao mar.

— Sou eu quem vai — proferiu o corsário. — Não discutas. Até eu desaparecer, sou eu quem manda. É isto que te digo. Só queria que o soubesses primeiro. Diremos agora aos outros. Anda.

— Não! — Spratling colocou a mão no peito de Dovian, impedindo-o de continuar. — Não, íamos tirar à sorte. Todos concordámos! Não podes...

Dovian pegou na mão do jovem com a sua, rude, quente e suada.

— Não me tornes isto mais difícil. Estou doente. Não vou melhorar nunca. A verdade é que estou a morrer. Há muito que estou assim. Tenho pensado na melhor maneira de me despedir do mundo. Agora já sei.

— Não podes morrer — Spratling sabia que estava a ser infantil, mas não conseguiu evitar. — Não me podes abandonar...

— Aí é que te enganas. Dei-te tudo o que podia. Vivi os melhores anos da minha vida contigo. Ensinei-te tudo o que sei. Não foi muito, sei disso, mas ensinei-te tudo o que um pai pode ensinar, não foi? Num mundo justo os pais viveriam para ver os fi-

lhos tornarem-se homens. Só então os deixariam. É isso que está a acontecer aqui.

Spratling reparou num segundo movimento no pontão. Sem conseguir respirar, viu o barco sair da sombra e dirigir-se avançando até ao Ballan. Queria que parassem. Precisava de mais tempo. Disse a Dovian:

— Fizemos um acordo. Não te cabe a ti...

O velho suspirou.

— Um dia, hás de sentar-te no trono de Acácia. Assim será, mesmo que ainda não o saibas. Se pudesse, estaria lá a teu lado, orgulhoso de ti. Mas nisso não te poderei ajudar. Porém, isto posso fazer. — Colocou a mão sobre o ombro do jovem. — Deixa-me mostrar-te uma última coisa: como morrer em glória.

Não chegaram a ouvir o que o grupo regressado lhes dizia, mas a mensagem chegou-lhes pelo toque dos dedos da tensão. A chave funcionara! O armazém estava aberto. Tinham matado dois guardas perto do portão da frente mas não havia outros à vista.

— Farei uma explosão dos diabos, prometo-vos. Ah, Dariel, anda cá agora. Vou só pedir-te uma coisa... não, não é só uma. Tenho outra a pedir-te. Não ma vais recusar. Sei que não, porque te criei como deve ser.

Menos de uma hora depois, Spratling içou a vela negra enquanto os outros remavam ainda. O vento mudara. Mantinha-os num rumo firme cortando as águas. No horizonte via-se a mancha alaranjada que anunciava o dia, a oriente. Atrás deles, escuridão e silêncio. Tal como no seu sonho, pensou. O vazio atrás de si. O terror inominável de que sempre tinha de fugir.

Passou mais uma hora. Alguns murmuravam, receando que Dovian tivesse sido apanhado. Ninguém sabia o que o esperava ao passar aquele limiar. Talvez a missão tivesse falhado. Spratling afastou-se dos outros e colocou-se à proa. Fosse como fosse, Dovian desaparecera da sua vida. Não parecia real. Não era possível. Quis parar o barco no mar e no tempo e...

Estas ideias acabaram do modo mais definitivo. Spratling soube o momento exato em que Dovian entregou a alma ao Doador. A explosão de luz que o anunciou transformou a noite em dia e o mar num espelho negro em que os contornos dos céus ondulavam,

dançantes. Não olhou para trás. Teve receio. Tinha a certeza de que naquele momento deixava para trás uma explosão gigantesca até ao firmamento. Tinha a certeza de que aquele inferno engoliria o mundo se olhasse para o ver. Estes pensamentos eram tão irreais como a lógica de um sonho, que não tem lógica nenhuma. Sabia-o, mas mesmo assim manteve o olhar fixo no horizonte a oriente, contemplando o seu esplendor, afastando-se daquele que deixava para trás, rumo a um novo dia.



CAPÍTULO
QUARENTA E SETE



Embora Mena nunca descursasse nos seus deveres como Maeben, a maior parte da sua atenção era agora dedicada às lições com Melio. Ele ia ter com ela todos os dias depois de Mena ter cumprido as suas obrigações como deusa. Já não conversavam como nos primeiros encontros, e ele limitava-se a instruí-la na esgrima. Dizia que perdera a prática e que nunca fora professor, mas adaptara-se perfeitamente ao papel como se tivesse nascido para isso.

Passados poucos dias depois de Mena lhe ter demonstrado o seu interesse, Melio aventurara-se pelas terras altas do interior à procura de madeira adequada para uma espada de treino. Embora diferente da usada em Acácia, encontrou uma madeira de tom avermelhado que servia muito bem. No final da primeira semana já os dois praticavam com espadas de treino. Eram mais leves do que o ideal, mas mesmo assim Melio estava satisfeito. Passava os dedos pelas suaves curvas das lâminas como se quisesse memorizar cada contorno. Cada dia voltava com pequenos melhoramentos, fazia novos entalhes, esculpia, afiava, oleava e apurava-as até se tornarem armas tão funcionais como estéticas.

Mena não teve grandes dificuldades em aprender as posturas, empunhar a arma com firmeza e colocar bem os pés. Qualquer erro que Melio lhe corrigisse não voltava a surgir. Nunca era preciso dizer-lhe uma coisa pela segunda vez. De início isto surpre-

endera o tutor, mas com o passar dos dias via a aptidão dela cada vez mais como um dom. As lições corriam depressa umas atrás das outras. Trabalhavam os vários tipos de golpe, como transferir a força das pernas para o tronco e canalizá-la para a espada. Nadar e mergulhar no porto tinham-na deixado em forma, mas Melio ensinou-lhe a usar músculos que ela antes desconhecia.

A Primeira Forma, a de Edifus em Carni, Mena conseguiu assimilar em três dias. O combate entre Aliss e o Louco de Carven levou-lhe dois dias. Melio sugeriu que saltassem a Terceira Forma, em que o cavaleiro Bethenri combatera com forquilhas do demónio, mas Mena nem quis ouvir falar de tal. Ajudou-o a fabricar versões das armas usadas, mais curtas e parecidas com adagas. Passaram toda a tarde a dar golpes, a evitá-los e a contra-atacar. Provocaram nuvens de pó que atraíram a atenção dos criados que, a uma distância respeitosa, observavam petrificados de horror a sua senhora a contorcer-se nos movimentos fatais da guerra. Ela dava o seu melhor para executar os exercícios com a postura calma da deusa. Não mostrava fadiga. Nunca protestava contra um desafio. Limpava o suor do rosto e mantinha-se muito direita mesmo quando o peito arfava de cansaço.

À noite, na solidão dos seus aposentos, enroscava-se de lado, levando as pernas ao peito e chorava devido às dores que tinha no corpo. Não reconhecia os próprios braços. Estavam mais magros nalguns pontos, mais musculados noutros, mais angulosos. Felizmente reconhecia-se sempre a si própria nas novas formas. Os contornos alterados dos antebraços, a forma das veias nas costas da mão, os músculos que sobressaíam no pescoço: era sempre ela, Mena. Não mudara para algo tão diferente à medida que ia saindo do seu disfarce de há muito. Na privacidade do quarto, despida, admirava as mudanças. Em público, claro, escondia-as o melhor que podia.

Se os sacerdotes sabiam alguma coisa do seu treino diário — e deviam saber — não falavam disso. Mena não lhes dava azo a que lhe descobrissem qualquer falha. Estava tão pronta para cumprir os seus deveres como antes. Chegava sempre a tempo às cerimónias da tarde, para receber os dignitários que a visitavam e era agora mais fácil encontrá-la no templo do que anteriormente, quando

passava os seus momentos livres a explorar, solitária, o leito das águas do porto. Assistia aos encontros com o traje de Maeben sem falhar em nada. No espaço de duas semanas tinha-se encontrado com pais desgostosos a quem os filhos tinham sido roubados pela deusa. Deu por si falando pela deusa de modo a agradar aos sacerdotes. Nunca fizera isto antes, e não gostava de se lembrar de algumas coisas que dissera perante aqueles pais penitentes e chorosos.

— Não olheis para o céu — disse um dia — se quereis que Maeben veja que a reverenciam.

Que injusto, pensava, dizer às pessoas para recearem algo tão presente como os céus. Muitas vezes ela própria procurara a forma da ave de rapina acima das montanhas. Por que razão proibia ela às pessoas de fazerem o mesmo? As suas palavras, compreendia, passariam de boca em boca. Em breve a aldeia inteira e por fim todo o arquipélago, conheceria a nova proclamação de Maeben. Andariam na sua azáfama diária de cabeça baixa. Vaminee, o grão-sacerdote, devia ter ficado satisfeito com ela, mas, se ficou, não se deu ao trabalho de o mostrar.

Por outro lado, Melio não hesitava em lhe demonstrar a sua desaprovação pelo serviço que ela fazia à deusa. Continuavam a encontrar-se à noite para falarem do que tinham praticado durante o dia e fazerem planos para o futuro. Ambos eram acaciaños, lembrou-lhe ele. Estas divindades das ilhas nada eram para eles. Eram pequenos poderes — se é que se poderiam considerar poderes. Adorá-los nada fazia para sarar a ferida entre a humanidade e o Doador. *Isso* era o importante. *Isso*, talvez, poderia ajudar a restabelecer a ordem correta do mundo. Se Mena queria rezar, deveria fazê-lo na língua acaciana e ao Doador. Aliver convocá-la-ia a qualquer momento; teria de estar pronta em todos os aspetos.

— Mas, em vez disso, adorais uma águia marinha!

Mena sentou-se à frente dele à luz fraca de meia dúzia de velas, estando o ar da noite tão calmo que as chamas se mantinham direitas.

— E as crianças? A vossa Maeben rouba-as aos pais e leva-as aos gritos para...

— Não! — proferiu Mena, de forma abrupta.

A palavra saiu-lhe com tanta força como um golpe de espada. Não podia ouvi-lo falar assim das crianças roubadas.

— Não tenho escolha. Sou Maeben. Ela encarna em mim. Desceu sobre mim e tornei-me ela. Eu não era ninguém quando...

— Vós éreis a princesa de Acácia.

— ... cheguei aqui. Nada sabia. Nada possuía. Nada era a não ser uma órfã! Não falava a língua. Não conhecia ninguém. Estava sozinha no mundo! Consegues imaginar isto?

— Então a deusa também vos roubou. E vós estais grata por isso?

Vendo que Mena não respondia, Melio abanou a cabeça, afastou-se e olhou para o céu noturno.

— Não, não compreendo isso. Vós sois uma jovem, Mena. A criança de que falais já não existe. Não sois deusa nenhuma e sabeis disso. Os sacerdotes sabem disso. Os pobres loucos que vos reverenciam sabem disso. Vivem todos uma ilusão. Maeben leva as crianças para a servirem no seu palácio? Que absurdo. A vossa deusa não passa de uma ave de rapina. Vive numa ilha a norte daqui e não num palácio. Em vez de a adorarem, alguém devia acertar-lhe com uma seta nos céus. Eu próprio já a vi a voar. Se tivesse um arco, não teria hesitado em usá-lo.

Mena manteve-se silenciosa por algum tempo, e depois disse:

— Tens razão. Tu não compreendes.

Fossem quais fossem as diferenças que tivessem durante a noite, esqueciam-nas ao retomarem as sessões de esgrima durante o dia. Mena aprendera a Quarta Forma — a de Gethack, o Odioso — com facilidade. No entanto, na Quinta Forma, sentiu dificuldades. Não se tratava de estar menos hábil — era precisamente o contrário. Sentia que as suas capacidades eram dificultadas pela Forma. Que importava se o sacerdote de Adeal fora combater contra os vinte guardas de cabeça de lobo do culto rebelde de Andar? Ao aprender a Sexta Forma as suas dúvidas aumentavam. Sentia que havia uma diferença entre os golpes que executava e o modo como realmente atacaria a pessoa com o objetivo de a matar. Ao perceber esta diferença, interrogava-se por que razão se perderia tempo a atacar de uma maneira que o adversário já conhecia. Sim, era verdade que os movimentos executados de acordo com a Forma for-

taleciam o corpo e agilizavam os reflexos, mas tal prática perdia-se do seu objetivo.

Uma tarde, interrompeu-se a meio de um exercício da Sexta Forma, exasperada.

— Isto é dança a mais. Não admira que o nosso exército tenha sido vencido tão facilmente. — Melio ia começar a protestar, mas Mena fez um gesto indicando que não pretendia ofendê-lo. Limpou o suor da fronte e parou uns momentos, pensando em como se poderia exprimir.

— Por que motivo temos de aprender os passos do mito? O Antigo a expulsar os deuses de Ithem? Que tem isso a ver com seja o que for? Não vamos combater os deuses de Ithem. Porquê fingir que vamos?

Melio tinha resposta para aquilo, mas Mena não se interrompeu para a escutar.

— Tudo o que me ensinas está muito bem — disse ela. — Mas parece-me que prende a espada em vez de a deixar livre nos movimentos. Ensinaste-me que as Formas são a base do nosso sistema militar?

Melio assentiu.

— Então, estás a entender o problema.

Melio não tinha a certeza se entendia.

— Sei que tenho na mão uma espada de madeira. Mas devo pensar nela como se fosse verdadeira, uma lâmina concebida e afiada para uma razão, não é? Qual é essa razão?

A resposta do tutor foi dada num tom de máximas memorizadas.

— É o elo entre o espadachim e o adversário — disse. — Devidamente usada, a espada é a extensão do corpo, do espírito. Uma lâmina afiada é o instrumento de um espírito arguto...

— Não. — Mena abanou a cabeça, impaciente. — Para ferir! — É essa a razão. Nada sei sobre «a extensão do espírito». Sempre que é desembainhada, a intenção é ferir. Não é esquivar-se, nem dançar, nem executar um golpe que o adversário conhece de antemão. Uma espada é uma arma. Quero aprender a usá-la como tal.

— A verdadeira esgrima não é o que fazemos aqui — retor-

quiu Melio —, especialmente contra adversários que desconhecem as Formas. Mas conhecer várias respostas torna-nos mais rápidos quando necessário.

Mena baixou ligeiramente a cabeça, de olhos fitos em Melio enquanto este falava num tom de autoridade tutorial. Depois baixou o olhar e cerrou os lábios como que para conter as palavras que queriam irromper.

Por fim, disse:

— Ergue a espada. Tenta ferir-me. Se é que consegues, antes que eu te fira a ti.

— Então vamos ver quem fere primeiro, é?

— Sim — respondeu Mena —, podes dizer isso.

Prepararam-se. Mena fez um gesto de assentimento. Melio fez o mesmo. Passou um momento e depois ambos sabiam que o duelo começara. Um deles estava mais preparado para isso que o outro. Os golpes de Mena eram simples. Diretos, executados sem hesitação. Agachou-se e atingiu com força a perna esquerda de Melio, abaixo do joelho. Ele não teve tempo de defender-se e contorceu-se de dor ao golpe. Tombou no chão de terra batida. Mena, de pé junto dele, apontou-lhe a espada ao abdómen.

— Perdoa-me, mas eis o que quero dizer: porquê bailar durante cinquenta movimentos quando um só basta?

Melio olhava-a alarmado. Ela estendeu uma mão e puxou-o, sorrindo, como se tivesse acabado de contar uma anedota.

Dali em diante as sessões foram bastante diferentes. Mena aprendeu as restantes Formas, memorizando e dominando os movimentos rapidamente. Fez isso por mera formalidade, como que para lhe agradar. Concentrava toda a atenção na esgrima, convencendo Melio a combater cada vez mais com o objetivo de «ferir». De início, Mena vencia. Melio estava relutante em seguir as novas regras à risca, que eram ver qual o que conseguia atingir o outro mais depressa na carne. Aperfeiçoou-se com os golpes, chegando a igualá-la em agilidade. Em breve os seus duelos rápidos de três ou quatro golpes cresceram para sete ou oito. E não tardou a estarem na casa das dezenas.

À noite, Mena contorcia-se, insone, com o corpo dorido. Estava cheia de cicatrizes, escoriações, os ossos e músculos ardua-

mente trabalhados no dia-a-dia, mas sabia que se estava a aperfeiçoar. Começava a pensar em técnicas que Melio não lhe ensinara, como quando encostava o corpo ao dele de modo a que, durante algum tempo, nenhum deles conseguia atacar. Numa outra altura dera-lhe um encontrão com o ombro, usando este como uma arma também, com tal impacto que o apanhou de surpresa. Aprendeu a tocar-lhe de raspão na arma de forma a retirá-la das mãos do rapaz, e a como unir as lâminas de modo a não se conseguirem separar. Por vezes diminuía o ritmo dos seus movimentos inesperadamente, sentindo o centro dos seus movimentos no ventre. Com uma contração profunda mudava de ritmo tão completamente que deixava Melio cambaleante, a adaptar-se ao novo balanço.

Mena não sabia até que ponto o seu instrutor era hábil, mas, numa manhã o último mês da primavera o duelo entre os dois chegou a um impasse. Ela atordoara-o ao atingi-lo em vários pontos do corpo com um único golpe. Embora Melio se defendesse, o choque estampou-se-lhe no rosto. Percebeu, tal como ela, que num único golpe descendente ela quase lhe cortara o pescoço e o atingira no lado e no joelho, sem sequer perder o balanço inicial.

Depois disto, Melio ficou parado, imóvel e arquejante, olhando-a por entre os caracóis escuros agarrados à fronte com o suor.

— Quem imaginaria que a princesa Mena Akaran seria a primeira a mostrar-me para que serve verdadeiramente uma espada?

— Não te faças tão surpreendido — retorquiu Mena. — Só provei que somos iguais.

— Parece fácil de dizer, mas provavelmente não sabeis o que isso significa.

— Claro que sei. Significa que terei de encontrar outra pessoa para combater. Conheces os lutadores com paus?

Melio opôs-se vivamente à ideia várias vezes. Explicou-lhe coisas que ela já conhecia, mas que lhe pareceu que eram importantes de realçar. Não fora treinada para a luta com paus. A arte e a técnica eram muito diferentes das da esgrima. Os paus não feriam, mas isso não significava que não fossem perigosos, até mortais. Os lutadores de paus eram oriundos das aldeias das colinas, nas ilhas. Eram gente muito pobre. Diziam ter sangue guerreiro, mas nada mais faziam do que combater entre si, tentando ganhar dinheiro

com as apostas. Executavam movimentos de dança como se fossem artistas, pavoneando-se, enfeitados, perante a multidão, mas quando combatiam usavam toda a força que tinham. Podiam deslocar um ombro com golpes descendentes, partir braços com uma torção, atingiu um ventre com tanta força que a pessoa sangrava por dentro. Já vira um partir a cabeça a alguém, observara um outro a ficar cego, outro que partira a clavícula de tal modo que nunca mais sararia como devia ser. Um dia, um outro lutador, mestre no seu ofício, batera com tanta força e de tal maneira nas costas de um homem que este nunca mais conseguira andar. Tombou no chão, aterrorizado com o que lhe acontecera, e nunca mais se erguera nas pernas.

— É contra homens destes que quereis provar as vossas forças?

Se entrasse num combate com algum deles, arriscava-se a mil lesões e nada ganharia com isso. Para quê então? Não fazia sentido. Perdera a cabeça de vaidade se pensava que um mês de treino com espada a prepararia para tal prova. De qualquer modo, se a descobrissem, a ira dos sacerdotes cairia sobre ela, pondo tudo em perigo.

Era assim que Melio pensava. De nada valeu. Mena escolheu o dia em que apareceria na arena tosca dos lutadores de paus. Tingiu o corpo com sumo de amora, que lhe dava uma estranha coloração mas que parecia natural. Enrolou um pedaço de pano no tronco, escondendo os seios pequenos, vestiu-se como um trabalhador e prendeu o cabelo como os homens vumu faziam. Colocou-se durante algum tempo à frente do fumo de uma fogueira para ficar com os olhos vermelhos como os dos fumadores de bruma. Sem dúvida que tinha uma figura bizarra, mas ninguém que a viu imaginou que se tratava da sacerdotisa de Maeben.

Tendo Melio como guia, descobriu um encontro de luta de paus num extremo de Ruinat. Descobri-lo foi o mais fácil. Participar nele, julgava ela, seria mais difícil. Abriu caminho por entre a multidão de homens, novos e velhos, jornaleiros e estivadores, lavradores e homens de rua, exalando odores fortes no ar toldado pelo suor e fumo da bruma. Ela conhecia estas pessoas. Reconhecia as suas faces das cerimónias. Mas agora

ela não era Maeben. Nada os separava agora. Não estava vestida para encarnar a deusa.

Um dos homens da arena aproximou-se dela, medindo-a da cabeça aos pés, com um sorriso escarninho. Pensou que ele lhe pediria para dizer quem era, para justificar a razão de se encontrar ali. Mas ele não estava interessado em apresentações. Tratava-se de negócios. Informou-a de que todos os novos competidores tinham de ganhar o direito a combater. A primeira luta era sempre com quem ganhara o título. O novo combatente tinha de pagar a entrada. A soma, claro, estava praticamente perdida. Ela perderia, mas depois disso poderia combater com lutadores menores.

— Se eu ganhar — retorquiu Mena, mantendo a voz baixa e rouca. — ganharei o título?

O homem riu-se.

— Se ganhares, merecerás um lugar ao fundo, é tudo. Ainda queres combater?

— Claro.

— Então vais lutar com o Teto — explicou o homem.

Teto, o dito campeão da arena, tinha todo o gosto em cumprir os desejos dela. Foi abrindo caminho por entre os corpos suados e entrou no círculo de areia onde Mena o aguardava. Deixou que o pau que trazia atrás do braço deslizesse por entre as pontas dos dedos para o agarrar pelo punho. Movia-se de modo diferente de Melio. Colocava os pés descalços cuidadosamente, mas com leveza. Era ágil, tinha pernas musculadas que apoiavam o tronco equilibrado, calmo. A cabeça parecia a parte mais pesada do seu corpo, com olhos profundamente cravados nas órbitas e fixos nela, duros.

Mena não teve tempo para pensar muito. Teto deu início ao duelo; ela respondeu. Em segundos optou por combatê-lo à defesa. Não o planeara nem falara nisso antes. Mas desde o primeiro instante percebeu que a força do homem era o seu maior atributo e o orgulho que tinha nela a sua grande fraqueza. Em vez de aplicar mais energia no impacto com os paus, deixava a sua força ceder ao aparar os golpes. Bloqueava-lhe os golpes, mas não com a força a que ele estava habituado. Ele atacava cada vez com mais violência, com a raiva estampada no rosto e nos rápidos golpes

que executava. Mas de cada vez que tocava no pau dela, o impacto soava com uma fragilidade que o perturbava, como se estivesse a embater contra uma corda pesada que de algum modo dispersava a força do impacto.

O combate acabou tão depressa que os espetadores ficaram paralisados. Teto avançou para ela, com o pau empunhado na intenção de a empalar ou de a fazer cair com a força do seu corpo. Mena limitou-se a tocar-lhe na vara com a dela, saltou para o lado, mantendo a arma dele afastada com a pressão da sua. Levantou-se para lhe fazer soltar a arma da mão, e depois atirou o pau diretamente ao pescoço exposto do homem com toda a força que conseguiu reunir. E foi tudo.

Teto tombou na areia, com as mãos apertando a garganta, numa agonia aflita, sendo os seus gritos de dor a única coisa que se ouvia na arena silenciosa. Durante alguns momentos os espetadores mantiveram-se quietos, confusos, olhando de um combatente para o outro, depois em volta, tentando perceber o golpe que causara aquilo, piscando os olhos como se, ao fazê-lo, o mundo regressasse à ordem natural das coisas, como o oposto do resultado do combate. Mena deixou-os observar a situação durante uns instantes e depois virou-se para passar por entre a multidão.

— Onde estava o vosso medo? — perguntou Melio, estugando o passo para a acompanhar no caminho de regresso às instalações do templo.

— Não sei — respondeu Mena. Era verdade. Esquecera-se de que existia algo como o medo. Ao enfrentar Teto sentira apenas determinação e alegria. Agora acelerava o passo com uma energia atordoadada:

— Soube logo que o poderia vencer. Teria de ser cautelosa, sim. Mas não tive medo.

— Ele estava desejoso de vos agredir.

— Sim, tenho a certeza.

Prosseguiram em silêncio durante algum tempo. Ao aproximarem-se dos arbustos perto do complexo, Melio disse:

— Posso convencer-vos a não voltardes a fazer aquilo?

Mena estacou e virou-se para ele. Olhando para os olhos cas-

tanhos e os lábios bem delineados do rapaz, que a fitava, de cabelo desgrenhado, percebeu que se sentia agora de maneira diferente na frente dele do que na primeira vez que o encontrara. Sentia-se mais à vontade consigo própria, mais tranquila, especialmente quando estava na companhia dele. Era estranho como tantas horas de luta os haviam aproximado. Todo aquele tempo em que os corpos se uniam no combate, suados, tentando vencer-se um ao outro, bastando um erro para dar lugar à dor e à humilhação. Parte dela desejava reconhecer que havia algo de especial no que se haviam tornado um para o outro. Porém, não tinha a certeza do que dizer ou de como o dizer.

Disse simplesmente:

— Obrigada por tudo o que me ensinaste.

Ele encolheu os ombros.

— Não sei bem se vos ensinei alguma coisa, Mena. Parece-me antes que vos recordei de coisas que já sabíeis. Talvez tenhais nascido para empunhar uma espada. Não riáis. Não estou a brincar...

Ele hesitou um momento. As leves rugas na fronte sugeriam ter mais qualquer coisa a dizer. Ele tinha mais qualquer coisa a dizer! O mesmo género de pensamentos que ela tinha. Ela leu-lhe isso no rosto num instante. Sentiu um arrepio de excitação percorrê-la. Mena fez um gesto antes de ele começar a falar. Tocou-lhe no braço e começou a correr no último troço do caminho.

Ao chegarem ao portão, viu que Vandí a esperava. A expressão dele era aquela que ela mais aprendera a temer. Ela teria de estar presente na antecâmara do templo em menos de duas horas. Isso só podia significar que Maeben arrebanhara outra criança. Era a quarta em menos de dois meses.

Separou-se de Melio sem uma palavra, empurrando-o para fora do complexo. Lá dentro, Vandí aguardava enquanto ela se despia e entrava no banho, esfregando furiosamente a pele para retirar a tinta de amora. Vandí observava-a com os seus olhos esverdeados, de lábios fortemente apertados. Não comentou nem perguntou nada, embora devesse ter reparado no disfarce da rapariga. Vira-a até a passar o pau que trazia para Melio.

Mena esfregou o rosto até ficar vermelho sem conseguir tirar

dele a coloração. Acabou por desistir. Ela e Vandi apressaram-se a ir até ao templo, onde ele a vestiu com o traje da deusa. Os maquiadores aplicaram-lhe os unguentos profusamente. Quando lhe colocaram o toucado já ela estava firmemente incorporada no seu papel. Só então se lembrou de abrandar a respiração e acalmar o corpo e afastar as gotas de suor que ameaçavam trair-lhe a postura de deusa. Lembrou-se do que dissera sobre não ter tido medo de enfrentar Teto. Na altura, dissera a verdade. Tentou reunir essa coragem novamente. No entanto, contemplar os rostos de pais desgostosos nunca lhe seria fácil.

Sentou-se no cadeirão da antecâmara do templo. Vaminee estava no lugar habitual a seu lado. Ele alisou as vestes e pôs-se de perfil para Mena, nada havia de invulgar. Tanin, o segundo sacerdote, tomou lugar ao seu lado esquerdo. Normalmente ele não fazia parte daquelas reuniões. Olhou-a de um modo tão intenso que a fez arrepiar-se.

— Sacerdotisa, talvez vos interesse saber — disse Tanin — que uma delegação de guerreiros estrangeiros chegou ontem a Galat.

Mena sentiu necessidade de se endireitar, mas ela sabia que já estava sentada e direita no seu lugar. Tentando manter um tom neutro na voz, vagamente desinteressada, perguntou:

— O que pretendem eles?

— Pensámos que talvez tivésseis uma opinião sobre isso — retorquiu Vaminee.

— Como poderia eu saber alguma coisa sobre eles?

Nenhum dos sacerdotes respondeu.

— Eu ouvi boatos que estaria para rebentar uma guerra nas terras estrangeiras. Se for verdade, talvez esses soldados queiram a nossa ajuda.

— Pode bem ser verdade — disse Vaminee. — E talvez não seja. Dizem que andam à procura de uma criança perdida e acreditam que possa estar em Vumu. Em qualquer caso, não é da nossa conta. Até agora nada disse aos estrangeiros. A deusa está insatisfeita com os ilhéus. É com isso que temos de nos preocupar. Primeiro temos de apaziguar Maeben. Depois decidiremos como lidar com a delegação.

Isto queria dizer que o assunto terminava ali, mas Mena tinha pelo menos de saber um pouco mais.

— Esses estrangeiros... de que nação vêm?

— Como poderei eu saber? — perguntou Vaminee.

— Têm a pele clara — explicou Tanin. — Têm uma pele que parece carne de porco.

Era uma descrição horrível, mas, vinda de Tanin, era difícil determinar a sua exatidão.

— Irei encontrar-me com eles — disse Mena. — Enquanto Maeben, quero dizer... Talvez seja a vontade de Maeben que o povo de Vumu tenha um papel no mundo. Se os vir enquanto Maeben talvez consiga compreender o que a deusa deseja.

— Tendes agido de forma frouxa nos últimos tempos. É a quarta criança levada desde...

— Isso não é culpa minha! Odeio que a deusa roube crianças. Faria qualquer coisa para a impedir.

Vaminee fechou os olhos, de cabeça ligeiramente inclinada, com os músculos do queixo rígidos de fúria.

— Esqueceis-vos inteiramente de quem sois, rapariga. Não queria acreditar nisto, mas diz-se por aí que andais a brincar com espadas de madeira. É verdade?

— No interior de minha casa sou livre para...

— Então é verdade. — Vaminee trocou um olhar com o outro sacerdote. — As pessoas falam, sacerdotisa. Podeis fazer o que quiserdes em vossa casa até certo ponto. Não podeis desonrar Maeben.

A cortina ao fundo da sala afastou-se, indicando que os pais em luto estavam prestes a entrar.

Vaminee reparou nisso mas prosseguiu:

— Ireis parar com isso imediatamente. E o vosso amigo — sim, sei dele — partirá na próxima semana quando os mercadores embarcarem. Se ficar, sofrerá por isso. Vós sofrereis por isso.

A procissão começou a entrar. Os pais, ladeados por sacerdotes menores, avançavam lentamente, numa atitude reverente de dor crispada. No momento em que os viu, Mena sentiu o coração palpitar mais depressa. Levou uns instantes a perceber porquê. Caminhavam devagar, de rosto virado para o chão, com as mãos

ACÁCIA

erguidas. Pareciam-lhe familiares. Os seus rostos e movimentos... já os vira antes! Era o mesmo casal que perdera a menina semanas atrás. Se os seus olhos não a enganassem... se eram mesmo eles...

— Não — disse Mena. — Eles não... prometi-lhes que a deusa não lhes levaria o segundo filho...

Vaminee virou a cabeça abruptamente para ela.

— Que louca, rapariga! Não tínheis o direito de lhes prometer isso! Olhai para estes dois e vede o resultado do vosso falso orgulho.

CAPÍTULO
QUARENTA E OITO



As falésias de Manil eram deslumbrantes. As arribas basálticas, negras como o céu noturno, erguiam-se na vertical a mais de seiscentos metros acima das ondas. As casas estavam incrustadas nas fissuras da rocha por todo o lado. Algumas pareciam suspensas das saliências rochosas, graças a um intrincado trabalho de arquitetura que maravilhava Corinn. Estavam pintadas em tons de azul claro e violeta, ostentando estandartes que ondulavam por efeito das fortes correntes de ar.

Como era uma zona de residências de recreio onde mercadores ricos conviviam com a nobreza, os Akaran nunca se tinham dignado a comprar ali uma propriedade, mas havia alguns membros da família real que o tinham feito. Uma amiga de infância de Corinn, cuja família tinha casa de férias em Manil, vangloriara-se de que os andares mais baixos tinham chão de vidro de onde se viam as ondas lá em baixo. Dizia que saía da cama e ao caminhar pelo quarto via as gaivotas a voar sob os seus pés. Corinn nunca estivera nessa casa. Não acreditara completamente na rapariga, mas ficara-lhe a recordação, de tal modo que lhe veio à memória assim que avistou Manil.

Para chegar às propriedades a partir do mar, havia uma doca protegida por um portão, confinado por grandes blocos que serviam de quebra-mar. Numa manhã de primavera acaciana, Corinn saiu de um barco de recreio e entrou no molhe em pedra, com Ha-

nish Mein a seu lado. Entraram ambos numa carruagem aberta e começaram a subir por entre as rampas de um caminho em ziguezague. Apesar de ainda o tentar, era-lhe cada vez mais difícil manter uma atitude de indiferença. Hanish dava-lhe toda a atenção, agora mais do que nunca. Nas semanas que se seguiram à estada em Calfa Ven, ele requisitara a sua companhia em todas as viagens. E tinham sido muitas. Arranjara modo de ela servir de guia para os altos círculos de Bocoum. Através de perguntas cuidadosamente colocadas — durante os momentos, que deveriam ser orquestrados, em que ficavam sós, — Hanish ia conseguindo que ela comesse a abrir-se com ele e a falar-lhe de modo mais civilizado. Ainda lhe atirava farpas quando podia, mas ele revelava-se mais consistente na sua cortesia para com ela do que Corinn a repeli-lo.

A casa onde iriam ficar era ostentosa da maneira que o são certas casas de férias, desenhadas para mostrar a riqueza dos proprietários e preparadas para receber bem os convidados durante breves períodos. Teria pertencido a uma família acaciana, talvez a alguém que ela conhecesse. Não perguntou. Essas coisas já não preocupavam Corinn como antes. Parecia-lhe que tudo, outrora, pertencera aos acacianos. Agora, pertencia aos Mein. Sabia que deveria considerar isso uma afronta pessoal, mas era-lhe difícil manter a indignação com o passar dos anos. Aprendera a falar fluentemente a língua do Mein. Aspectos da cultura que antes lhe pareciam estranhos mesclavam-se agora — pelo menos nos círculos da corte — tão intricadamente com a cultura acaciana que já não via bem onde acabava uma e começava a outra.

A casa estava situada numa planície acima das falésias. Estendia-se em andares até vários metros abaixo do topo da rocha. Os quartos e salas fluíam uns para os outros quase como se deslizassem, como se o chão se ajustasse, movendo-se, sob quem por ele caminhava. Ia-se dar a uma sala praticamente por um efeito de inércia. Corinn achou isso algo desconcertante, apesar de agradável. Todas as janelas que davam para o mar proporcionavam uma ampla vista, com pátios e janelas ao nível do chão revelando o mar ondulante lá em baixo. O mosaico do chão simulava o mar, com as ondas brancas de espuma. Golfinhos saltavam na ondulação. Havia pescadores empoleirados em pequenos barcos que se inclina-

vam ao sabor das ondas, em ângulos tão arriscados que se teriam afundado se fossem embarcações verdadeiras. Sozinha no quarto, Corinn passou grande parte da tarde de joelhos, observando todos os pormenores, passando os dedos sobre a imagem em seu redor. Estava tão bem feita! Gostava imenso do modo como haviam desenhado os pescadores, que pareciam estar sempre à beira do perigo, apreciava os rostos sorridentes que sugeriam que tudo aquilo não passava de uma brincadeira.

Na primeira noite, ela e Hanish assistiram a um banquete oferecido por uma família recém-enriquecida do Mein. Em tempos passados, ele teria divertido os convivas à custa dela, encontrando qualquer coisa para a espicaçar. Porém, o seu séquito habitual não viera nesta viagem. Hanish foi bastante cordial para com os anfitriões, mas não se mostrou muito próximo, apesar dos repetidos esforços destes para o tornarem o centro das atenções. Simplesmente não parecia interessado nisso, nem neles nem na música; nem sequer na comida e bebida tão abundantes; nem nos gestos bajuladores de homens e mulheres, todos eles ávidos de o lisonjear, a ele, Hanish Mein, o seu herói, o único Mein a ascender ao trono de um império, aquele capaz ainda de acabar com a antiga maldição. Era o maior líder da história do seu povo, e gente como aquela nunca se cansava de o elogiar.

Em vez de lhes prestar qualquer atenção, fechou-se num espaço íntimo que só ele e Corinn partilhavam. Ela já não conseguia negar — pelo menos não para si própria — que gostava de falar enquanto ele ouvia. Gostava de responder às perguntas, de ter os olhos cinzentos dele fixados nela, dava-lhe prazer saber que o resto dos convivas observava o poder que dele emanava. A confiança que outrora pensara ser apenas arrogância tinha agora outro fascínio.

Além disso, Hanish ficava mais calmo na sua presença, mesmo quando rodeado de perturbadores assuntos de Estado. Contara-lhe sobre a campanha que a Liga empreendera contra os corsários das Ilhas Distantes. Não decorrera com tanta facilidade quanto a Liga previra, disse Hanish. De modo nenhum. Um dos capitães dos bandidos dava pelo nome de «Spratling» (Arenque) — um jogo de palavras com alguma ironia, sem dúvida, tal como o

pequeno peixe do mesmo nome. Esse tal Spratling não era tão pouco importante assim. Além de ter abordado um barco de guerra e ter até morto um dirigente da Liga, fizera explodir uma parte das plataformas da Liga. A explosão inicial destruíra completamente os armazéns e incendiara toda a estrutura. Mesmo aquilo que caíra ao mar continuara a arder. Flutuava à superfície e, empurrado pelas ondas, propagara-se até às outras plataformas. Os incêndios, diziam-lhe as suas fontes, mantiveram-se uma semana inteira até serem debelados ou contidos. Os corsários haviam causado tantos estragos que a Liga adiarda o carregamento da bruma da primavera. Seriam necessários meses para recuperar, e haveria atrasos em todas as províncias.

— Tudo por causa de um pequeno arenque — Hanish fez um gesto com a mão como que para afastar tudo aquilo. — De qualquer modo, é apenas um contratempo temporário. A Liga tem milhares de armas para usar. É o que dizem; gostaria de acreditar neles. Quando eles são afetados, nós também somos.

— Já haveis pensado em vos livrardes deles?

— Da Liga? — perguntou Hanish.

Corinn hesitou um momento.

— Sei que a Liga existe há séculos, mas, se não conseguem sequer defender-se de um bando de corsários... porque não dirigirdes o comércio diretamente?

— Não há hipótese. Não imaginas a que ponto a Liga está arraigada a tudo. Têm ganchos de aço presos a todo o tipo de assuntos do mundo. São eficientes no que fazem, habitualmente. Talvez a questão mais importante seja a de terem enriquecido muita gente para lá da sua imaginação. Era assim nos tempos do teu pai; é também assim no nosso.

— Nunca perdeis uma oportunidade para apontar que foi o meu povo que começou as injustiças no mundo — retorquiu Corinn, sentindo um laivo da sua antiga raiva. — Fomos os vilões que criámos a Quota, que trouxemos a bruma ao Mundo Conhecido, que escravizámos gente para o trabalho nas minas. Quereis fazer-me crer que esta loucura toda esteve sempre no meu sangue. Agis como se tivésseis um mandato justo para destruir isto, mas até que ponto haveis tornado melhor o mundo? Haveis morto o

senhor dos escravos, mas, em vez de os libertardes, haveis tomado o lugar dele...

Hanish interrompeu-a, falando num tom irreverente que ignorava tudo o que ela afirmara.

— Danças comigo?

Corinn mostrou o seu desagrado com um olhar frio.

— A música do Mein não serve para dançar. — Aquilo não se tratava apenas de um insulto. A tonalidade era-lhe ainda estranha aos ouvidos. Comparadas com a música bela e envolvente tocada pelas orquestras acacias, as notas dos instrumentos do Mein soavam dissonantes, as melodias rarefeitas e imprevisíveis. Não imaginava como se poderia dançar aquilo. Ninguém conseguia.

— Mas dançavas, se tivesses a música apropriada?

Como ela não respondeu logo, Hanish agarrou-a pelo pulso. Apertou-lhe os ossos delicados com força entre o polegar e o indicador e empurrou-a até ao centro do salão.

— Ao longo dos muitos séculos que os músicos têm tocado temas do Mein, tenho a certeza de que alguém dançou este. Alguém terá encontrado nestes sons um ritmo adequado a dois corpos. É assim que gosto de pensar. Temos de descobrir ritmos que as outras pessoas não ouvem.

A mão no pulso dela deslizou para a palma da mão de Corinn. Com a outra agarrou-a pelas costas. Apertou-a contra si. Ela retirou o braço para se libertar e recuou, mas, em vez de se soltar, Hanish deu um passo em frente, e no movimento do braço dela surgiu como que uma coreografia. O passo que ela dera atrás foi tão perfeitamente acompanhado pelo dele à frente que Corinn quase pensou que fora ela a criar aquela intimidade. Por mais que tentasse, não se conseguia libertar da sequência de movimentos. Passado um bocado deixou de tentar. Era de facto surpreendente como ele se movimentava tão bem, e como estava a gostar do bailado que iam executando pela sala.

— Corinn — disse Hanish —, não pretendo ter uma resposta nobre à tua pergunta. Não tornei o mundo melhor. Sei disso. Mas tornei-o melhor para o meu povo. Acredita em mim, merecemo-lo. Nenhum outro povo sofreu tanto como o meu.

— Suponho que isso também seja culpa minha.

Hanish aguardou alguns momentos, continuando a dançar, com um olhar fugidio como ela nunca lhe vira, desviando o olhar para o lado.

— Não tu, mas o teu povo sim. Foi o teu povo que criou os Tunishnevre. Deram-lhes origem. Ao ganharem o trono através de enganos e traições — e se pensas que sou traíçoero, deverias conhecer melhor os do teu próprio sangue, Corinn — Tinhadin amaldiçoou os meus antepassados. Ele era um feiticeiro. Bastava-lhe falar numa coisa para que ela se realizasse.

— Santoth — respondeu Corinn —, falas dos Santoth.

Hanish assentiu.

— Tinhadin tinha um dom que talvez tu também possuas, se o souberes usar. Amaldiçoou a dinastia Mein com um purgatório sem fim. Nenhum homem da minha família encontra paz depois de morrer — nem um, em mais de vinte gerações. O nosso corpo não apodrece. A alma continua agarrada a ele. Não estamos vivos, mas num limbo. Num limbo.

Vários outros pares se tinham juntado a eles no salão de dança. Rodopiavam, imitando a maneira de dançar de Hanish, ávidos de um olhar que ele não lhes dispensava. Corinn pensou que talvez ele mudasse agora de assunto, receando ser ouvido, mas ele prosseguiu sem baixar o tom de voz.

— Não existe maior maldição do que permanecer para sempre entre a vida e a morte — prosseguiu —, não sendo possível estar num estado nem outro. Consegues imaginar o que será um espírito preso a um cadáver ano após ano, sem fim à vista? A morte chega a todas as coisas. — Tudo o que existe — seres humanos e animais, árvores, peixes —, a todos foi prometida a libertação, exceto aos meus antepassados. Exceto a mim. É isto que são os Tunishnevre. É por isso que se tornam maiores a cada ano que passa. É por isto que o teu povo quis que os seus cadáveres se tornassem pó e fossem varridos pelo vento. Os costumes do teu povo relembram a maldição e recriam-na, mesmo que tu não o faças. Creio que muitas vezes é assim que as coisas acontecem. A memória coletiva possui uma sabedoria que a individual não tem. Gostaria de encontrar um modo de os libertar para que pudessem finalmente descansar em paz na morte. Talvez — se con-

seguires um dia encontrar resposta no teu coração — me possas ajudar nisto.

— Eu?

Hanish assentiu.

— Podes ter tanta importância que nem imaginas.

— É verdade que falais com eles?

— De certo modo, sim.

— O que vos dizem?

Foram de encontro a um par que se aproximara demais. Hanish parou, deixou cair os braços e falou com muita calma e intimidade.

— Dizem-me muitas coisas, Corinn. Neste momento estão a dizer-me que aqui há gente a mais. Sugerem que nos retiremos.

Passaram o dia seguinte inteiramente na companhia um do outro. Hanish parecia nada mais ter a fazer do que entretê-la. Percorreram a costa a cavalo rumo a norte, pela extremidade do planalto, com o mar de um lado e as planícies de terras cultivadas espalhando-se até oeste. A escolta de guardas Punisari seguia-os a alguma distância, suficientemente afastados para não poderem escutar a conversa que mantinham. Pela primeira vez conseguiam falar sem ninguém por perto a ouvi-los. No entanto, não aproveitaram a solidão para falar de coisas importantes.

Pararam num lugar famoso, junto a uma fissura da falésia, onde contemplaram as ondas poderosas que se desfaziam em explosões de espuma. Vinham ritmadas, como erupções das entranhas do mar. Depois do almoço atiraram sobre codornizes, que eram soltas uma a uma para lhes dar prazer. As aves voavam, frenéticas, batendo as asas com tanta força que se ouviam ao longe. Não eram alvos fáceis para o arco e a flecha. Hanish só conseguiu acertar numa, Corinn caçou cinco. Havia qualquer coisa que causava satisfação em atingi-las: a forma como as asas deixavam de bater, o rumo de voo alterado, o modo como caíam do céu, um peso morto que rodopiava no ar estranhamente, como que puxado pela flecha cravada, até tombar. Uma vez, a seta atirada por ela feriu uma das aves de raspão e seguiu em frente, perdendo-se na distância até cair, ao longe, muito depois de a ave ter tombado no chão. Ele aplaudiu, e Corinn teve várias ocasiões para o provocar, o que claramente dava prazer a Hanish.

Quando ele lhe propôs recusarem o convite que tinham para jantar, ela não objetou. Comeram a sós, cada um sentado a uma ponta de uma mesa muito comprida. O prato principal era vieiras, servidas com um molho picante e decorados com ervas de um odor intenso. Era delicioso, com um sabor amargo e doce, apimentado, que fez subir a temperatura de Corinn. Beberam um vinho branco seco, o que fez com que ela estalasse os lábios de satisfação. Hanish imitou-a e ela acusou-o de ter escolhido uma refeição para a fazer sentir-se uma tolinha. Ele não o negou.

Mais tarde, à varanda da casa, beberam um licor doce. O mar, lá em baixo, tornava-se negro à medida que o sol ia desaparecendo no horizonte. Pouco depois a lua surgia por entre um rendilhado de nuvens finas. Soprava uma brisa levemente fresca, mas que não incomodava. Só arrepiava um nadinha a pele. Corinn estava suficientemente perto de Hanish para sentir o perfume dos óleos que ele passara no corpo. Distraidamente, o ombro dela tocou no dele. Uma vez sentira um choque elétrico quando o braço dele lhe tocara ao de leve num seio. Teria ela intenção de provocar tais momentos? Fora ela quem os preparara ou seriam o vinho e o licor — que agradavelmente lhe ofuscavam os contornos das coisas — que a tornavam tão desajeitada? Não tinha a certeza.

Ao estender o cálice a Hanish, aceitando a oferta dele para o voltar a encher, Corinn perguntou:

— E a seguir? Ides oferecer-me uma baforada num cachimbo de bruma?

Ela fez a pergunta a brincar, mas Hanish passou a mão sobre o parapeito húmido da varanda com um gesto brusco, nervoso, parecendo por instantes uma criança tentando fazer uma moessa apenas com o toque dos dedos.

— Nunca.

— Haveis-me trazido até aqui para me seduzires? Porquê isto tudo?

Hanish corou. Até à fronte lhe afluiu o sangue. Nunca vira tal reação involuntária na sua face.

— Trouxe-te aqui para te fazer uma oferta. Receio que a recuses, que ma atires à cara.

— Causo-vos medo, então?

— Deixas-me profundamente perturbado, Corinn, como nunca ninguém me deixou.

Corinn fitou-o, nada demonstrando, expectante. Hanish fez-lhe sinal para se sentar a seu lado num banco ali perto, de onde se debruçaram para olhar por cima do rebordo. Sentaram-se lado a lado, tão perto que as pernas se tocavam nos joelhos.

— E se te dissesse que tudo isto é teu? — perguntou Hanish. — Refiro-me a esta casa. Não há razão para que não tenhas o melhor de tudo o que há no mundo. Foste uma princesa, és ainda uma princesa. Confunde-me que não me acredites quando te digo isto. Imagino o dia em que tu e os teus irmãos se sentarão aqui, desfrutando...

— Não precisais de me comprar, senhor. Sou vossa escrava, de qualquer modo.

— Por favor, Corinn — retorquiui Hanish. — Esta casa pertencia a uma família chamada Anthalar. Conheceste-os, não foi?

Corinn assentiu.

Hanish admitiu ter conhecido um deles. Fora durante a guerra, antes de uma batalha. Entregara aquele jovem à morte, confessou. Lamentara sempre essa morte. Vira nele força, orgulho. Recordara-lhe o irmão, Thasren. Tão cheio de raiva, tão determinado a fazer o que era bom para o seu povo. Porém, não podia ter sido de outro modo. Encontrando-se naquele lugar nesse dia, o jovem tinha de morrer. Uma vida verdadeiramente vivida gerava remorsos assim. Não havia volta a dar. Lamentava também o que fora infligido a Corinn.

— Sei que não te posso comprar — continuou ele —, mas, se tiveres alguma bondade no coração, compreenderás que o que te ofereço é com todo o gosto. Sei que te preni no palácio demasiado tempo, peço-te perdão por isso. Tive medo de te perder da minha vista.

— Porquê?

Hanish abanou a cabeça ligeiramente, indicando que não seria agora que responderia àquela pergunta. — Mas não és nenhuma escrava. Sabes disso, não sabes?

— Sim, no fundo, sei. — Corinn encolheu os joelhos, afastando-se do contacto dele. Já não se sentia tonta nem exultante do vi-

nho. — Um dia, vi escravos a sério. Estava com uma família nobre numa aldeia perto de Bocoum. Sabia que não deveria fazer aquilo, mas eu e a minha amiga escapulimo-nos uma noite e subimos ao telhado. Fazíamos isso algumas vezes para contemplar as estrelas e contar histórias. Mas, nessa noite, descobrimos um lugar de onde conseguíamos ver a rua e deparámo-nos com algo estranho... Bem, a princípio pensámos que era um desfile. Mas quem faz uma parada a meio da noite? Em completo silêncio? E em que paradas vão as pessoas acorrentadas umas às outras? Eram da mesma idade que eu na altura. Teriam dez, onze anos, quase na altura da mudança. Levavam correntes ao pescoço que os ligavam uns aos outros, centenas deles. Havia alguns homens a conduzi-los com espadas desembainhadas. Não faziam som algum além do arrastar dos pés e do tilintar das correntes e... nunca me esqueci daquele silêncio. Era tremendo.

— Isso parece-me um sonho — aventou Hanish.

Corinn abanou a cabeça.

— Não me deixeis pensar assim. Não foi um sonho. Parte de mim sabia disso, mesmo na altura. Eu não conhecia pormenores, mas sabia que não deveria perguntar a nenhum adulto que proscição fora aquela. Tratava-se de crianças para a Quota, claro. A Quota, da qual tudo depende. — Fitou Hanish durante um longo momento. A pequena cicatriz que ele tinha na narina sobressaía mais, talvez porque o vinho lhe enrubescia o nariz. — Por que razão querem esses estrangeiros tanto as nossas crianças? O que fazem com elas?

— Há perguntas que é melhor ficarem sem resposta. Mas ouve, confessaste-te a mim. Deixa-me fazer o mesmo. Quero que me compreendas a mim e ao meu povo. Sofremos tão terrivelmente durante a Retribuição. Compreendes tal grau de sofrimento? Vinte e duas gerações — tantas na minha linhagem como na tua. Porém, a tua reinava, soberana, a minha lutava para sobreviver. Por fim, começámos a sonhar que os antigos erros se poderiam corrigir. Todos os males que causámos ao longo destes anos — as que-relas mesquinhas e os sequestros, os ataques a Aushenia — nada disso tem a ver com o nosso carácter. Não passou de barulho que fizemos com tambores e trombetas, atrás do qual escondíamos os

nossos verdadeiros objetivos. Queríamos que os acacianos pensassem que nos conheciam. Sei que o nosso sucesso não te dá alegria. Tento apenas explicar-me. Tens todo o direito a julgar-nos, mas é meu direito querer que nos julgues justamente.

— E por isso haveis morto o meu pai — retorquiu Corinn. Tentou dar à voz um tom frio e irritado, mas deu por si a dizer aquilo num tom lamentoso, num desejo de ser consolada.

— Todos os dias desejo que tivesse existido uma alternativa. Não sabes até que ponto desejaria ter-te conhecido de outro modo. Porém o que fiz contra o animal monstruoso que era o império acaciano não foi contra ti. Não sou um monstro. Por vezes gostaria que o mundo acreditasse que sou, mas, na verdade, a minha única aberração é que sinto o sofrimento de um povo inteiro. Tenho de pensar nele em primeiro lugar, compreendes isso? Não gosto nada da ideia de que estou a enviar milhares de crianças para a escravidão. Odeio isso. Mas o meu povo tem de estar em primeiro lugar. Se compreenderes isso, compreender-me-ás.

Não se tratava do facto de Corinn não se sentir tocada pelo que ele dizia. Não era que não acreditasse nele ou que não se sentisse feliz por sentir a bondade do seu coração. Sentia tudo isto, mas o hábito afiara-lhe a língua e ela respondeu de modo maldoso, para se defender, mesmo agora.

— Que estranha maneira de me seduzires.

Hanish ergueu o rosto para ela, com os olhos húmidos de lágrimas. Ao mover-se, estas soltaram-se-lhe dos olhos e rolaram-lhe pela face. Era uma mudança tão dolorosamente patética nele que Corinn se aproximou. Tocou-lhe no ombro. Deslizou os dedos ao longo da omoplata, pelo tecido da túnica, até chegar ao pescoço nu. Havia tanto tempo que desejava tocar-lhe ali. Sentiu a pele quente, macia como imaginava que parte dele seria. Pensou que estava a sentir a pulsação dele debaixo da pele, mas talvez fosse a sua nas pontas dos dedos.

Era tão cansativo manter-se fiel ao pai, pensou, estava exausta de esperar que os irmãos viessem e tivessem alguma influência na sua vida. Sentia o ventre queimado com o azedume que alimentava diariamente. Porque não se entregar a Hanish? Quem melhor do que ele? Desejou que ele tivesse o poder de fazer dela o que quises-

se. Desejou ter o temperamento para aceitar fosse qual fosse o papel que ele lhe destinasse. Ele podia ser cruel. Isso continuava a ser verdade, apesar desta demonstração íntima de vulnerabilidade. De manhã voltaria a ser Hanish Mein e o mundo nunca saberia que a sua postura de perfeito controlo tinha brechas. Porém, por alguma razão — e apesar de tudo o que ela sabia ser correto e verdadeiro — queria conhecer aquela mesma característica dele. Queria comê-la bocado a bocado da boca dele, inseri-la em si e partilhá-la.

Não recuou quando ele a olhou. No rosto tinha até uma expressão de desafio.

— Como sabíeis que me traríeis a esta casa?

— Fiz por saber. Diz-me que te agrada e ficarei feliz.

— E tem quartos com chão de vidro? — perguntou, sabendo qual seria a resposta.

Hanish assentiu.

— Nos quartos das crianças. Ficam abaixo de nós.

— Mostrai-mos, então — respondeu Corinn, num murmúrio.